

**PUBLICAÇÕES  
PERIÓDICAS**

AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVÓLUCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
**PODE ABRIR-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL**

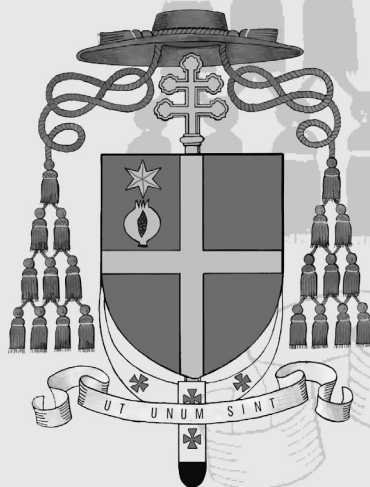


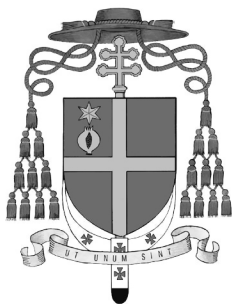
**TAXA PAGA**  
PORTUGAL  
MAXIMINOS • BRAGA

AUTORIZAÇÃO DE 06332006ATO/RSC

# ação católica

ÓRGÃO OFICIAL DA ARQUIDIOCESE DE BRAGA





# ação católica



ÓRGÃO  
OFICIAL  
DA ARQUIDIOCESE  
DE BRAGA

**Director**

P. Domingos da Silva Araújo

**Proprietária e Editora**

Arquidiocese de Braga  
NIPC 500 793 018

**Redação**

Casa Sacerdotal  
Rua de S. Domingos, 109  
4710-435 Braga  
Telef. 253 205 200  
914 574 913  
E-mail: silvaaraujo@diocese-braga.pt

**Administração**

Serviços Centrais da Arquidiocese de Braga  
Rua de S. Domingos, 94 B  
4710-435 Braga  
Telefone 253 203 180  
Fax 253 203 190

**Preço**

Assinatura anual 25,00 €  
Número avulso 5,00 €

**Composição e impressão**

Empresa do Diário do Minho  
Limitada  
Rua de Santa Margarida, 4  
4710-306 Braga

**Tiragem**

770 exemplares

**Depósito Legal**

N.º 1712/83

**Número de inscrição no ICS:**

100 305

## SUMARIO

**Apresentação ..... 793**

### 1. TEMA DO MÊS

Misericórdia de Deus  
e misericórdia dos homens ..... 797

### 2. IGREJA DIOCESANA

1 – Dos nossos Pastores  
Quatro pilares para construir a sociedade.... 807  
Dia da Arquidiocese ..... 811  
Jesus está entre nós ..... 812  
Maria ajudai-nos a recuperar  
o Sínodo Diocesano ..... 815  
Apresentação da encíclica «Laudato si» ..... 820  
As festas cristãs não contradizem a alegria. 823  
A bondade de Jesus e o respeito  
pela natureza ..... 826  
Atividades pastorais:  
junho/2015

D. Jorge ..... 828

D. Francisco Senra ..... 830

2 – Serviços Centrais  
Conselho Arquidiocesano  
para assuntos Económicos ..... 833  
Decreto de extinção de ente canónico ..... 835  
Decretos de aprovação de estatutos ..... 836  
Provisões a corpos gerentes ..... 837  
Missão em Pemba ..... 842

continuação do índice no verso da contra-capá



Aores

# sentação

## *Apresentação*

Continuamos a publicação do trabalho «Misericórdia de Deus e misericórdia dos homens», que principiámos no mês de junho.

Do senhor D. Jorge publicamos as homilias proferidas por ocasião de uma peregrinação ao Sameiro, na solenidade do Corpo e Sangue de Cristo, na despedida da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima e na solenidade do nascimento de S. João Batista. Publicamos também o discurso com que, em conferência de imprensa, apresentou a encíclica «Laudato si» e um artigo que escreveu para o semanário da Agência Ecclesia.

O Papa Francisco publicou, com data de 24 de maio, a encíclica «Laudato si» (Louvado sejas), em que alerta para o «cuidado da Casa Comum». Não a publicamos, dada a sua extensão, e atendendo a que já diversas editoras a publicaram, em livro, na íntegra. Mas saudamos o seu aparecimento e esperamos que seja devidamente divulgada e estudada.

Publicamos, também, catequeses sobre a família feitas pelo Papa Francisco nas audiências gerais das quartas-feiras.

Informamos da atribuição do título de basílica menor ao santuário do Bom Jesus do Monte e publicamos as conclusões de um congresso do Comitium de Braga da Legião de Maria.

Recordamos a personalidade de D. Diogo de Murça, criador de estudos superiores em Basto e em Guimarães.

*O Diretor*



1.

Tema do Mês





# Misericórdia de Deus e Misericórdia dos Homens

*Por Silva Araújo*

*Continuação do trabalho cuja primeira parte saiu  
no número de junho.*

## **Misericórdia e perdão**

A prática da misericórdia tem como consequência o exercício do perdão. Embora a misericórdia se não limite ao perdão, a verdade é que onde não há perdão não existe misericórdia.

Ao perdão de Deus e ao dever de perdoar se refere o Papa Francisco na Bula de proclamação do Jubileu da Misericórdia.<sup>1</sup>

A misericórdia leva à confiança no perdão de Deus e ao dever de perdoarmos aos outros.

A onda de misericórdia de Deus «não pode penetrar nos nossos corações enquanto não tivermos perdoado àqueles que nos ofenderam. O amor, como o Corpo de Cristo, é indivisível: nós

---

<sup>1</sup> PAPA FRANCISCO, *O Rosto da Misericórdia*, 9 e 22.

não podemos amar a Deus, a quem não vemos, se não amarmos o irmão ou a irmã, que vemos. Recusando perdoar aos nossos irmãos ou irmãs, o nosso coração fecha-se, a sua dureza torna-o impermeável ao amor misericordioso do Pai. Na confissão do nosso pecado, o nosso coração abre-se à sua graça».<sup>2</sup>

Cristo sublinha com insistência a necessidade de perdoar aos outros. Ensinou-nos, no Pai-Nosso, a rogar ao Pai: «perdoa as nossas ofensas, como nós perdoamos aos que nos ofenderam».<sup>3</sup>

A misericórdia leva-nos a perdoar prontamente e de todo o coração, mesmo quando aquele que nos ofende não manifesta o menor arrependimento.

O nosso perdão, como o de Deus, há de ser gratuito, ilimitado, universal.

Deve exercer-se não somente em relação aos membros do próprio povo mas relativamente a todas as pessoas. Diz o livro de Ben-Sirá:

«A ira e o furor são duas coisas detestáveis; só o homem pecador os nutre no coração.

Aquele que se vinga, sofrerá a vingança do Senhor, que lhe pedirá contas rigorosas dos seus pecados. Perdoa ao teu próximo o mal que te fez, e os teus pecados, se o pedires na tua oração, serão perdoados.

Um homem guarda rancor contra outro homem, e pede a Deus que o cure? Não tem compaixão do seu semelhante, e pede o perdão dos seus pecados?

Ele, que é um simples mortal, guarda rancor; quem lhe alcançará o perdão dos seus pecados? Lembra-te do teu fim, e deixa-te de inimizades; pensa na corrupção e na morte, e guarda os mandamentos. Lembra-te dos mandamentos e não te ires contra o próximo; lembra-te da aliança com o Altíssimo e não faças caso do erro do teu próximo».<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> «Catecismo da Igreja Católica», 2840.

<sup>3</sup> MATEUS 6, 12.

<sup>4</sup> Ben-Sirá, 27, 30-28, 7.

Ao perdão ilimitado e universal se referiu Jesus, respondendo a uma pergunta de Pedro:

*«Então, Pedro aproximou-se e perguntou-lhe: «Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?» Jesus respondeu: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.*

Por isso, o Reino do Céu é comparável a um rei que quis ajustar contas com os seus servos. Logo ao princípio, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo com que pagar, o senhor ordenou que fosse vendido com a mulher, os filhos e todos os seus bens, a fim de pagar a dívida.

O servo lançou-se, então, aos seus pés, dizendo: ‘Concede-me um prazo e tudo te pagarei.’ Levado pela compaixão, o senhor daquele servo mandou-o em liberdade e perdoou-lhe a dívida.

Ao sair, o servo encontrou um dos seus companheiros que lhe devia cem denários. Segurando-o, apertou-lhe o pescoço e sufocava-o, dizendo: ‘Paga o que me deves!’ O seu companheiro caiu a seus pés, suplicando: ‘Concede-me um prazo que eu te pagarei.’ Mas ele não concordou e mandou-o prender, até que pagasse tudo quanto lhe devia.

Ao verem o que tinha acontecido, os outros companheiros, contristados, foram contá-lo ao seu senhor.

O senhor mandou-o, então, chamar e disse-lhe: ‘Servo mau, perdoei-te tudo o que me devias, porque assim mo suplicaste; não devias também ter piedade do teu companheiro, como eu tive de ti?’ E o senhor, indignado, entregou-o aos verdugos até que pagasse tudo o que devia.

Assim, conclui Jesus, procederá convosco meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar ao seu irmão do íntimo do coração».<sup>5</sup>

Com o número simbólico de «setenta vezes sete» Jesus quis indicar a Pedro que deveria saber perdoar sempre a todos e a cada um.

---

<sup>5</sup> MATEUS 18, 21-35. PAPA FRANCISCO, *O Rosto da misericórdia*, 9.

É em nome do mistério da misericórdia que Cristo nos ensina a perdoar sempre.<sup>6</sup>

Sublinho, entretanto, que perdoar não deve ser interpretado como sinal de fraqueza. É recusar ser petrificado pelo rancor. E a capacidade de perdoar não deixa de ser um dom de Deus. Só o Espírito Santo pode conseguir que eu dê de beber a quem queria destruir-me cinco minutos antes.

O perdão das ofensas não significa a renúncia àquilo a que o ofendido tem direito. Não foi sem motivo que, no Pai-Nosso, em vez de «perdoai-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores», se passou a rezar: «perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido».

«É óbvio, escreve João Paulo II, que a exigência de ser tão generoso em perdoar não anula as exigências objetivas da justiça. A justiça bem entendida constitui, por assim dizer, a finalidade do perdão. Em nenhuma passagem do Evangelho o perdão, nem mesmo a misericórdia como sua fonte, significa indulgência para com o mal, o escândalo, a injúria causada, ou o ultraje feito. Em todos estes casos, a reparação do mal e do escândalo, a compensação pelo prejuízo causado e a satisfação pela ofensa feita são a condição do perdão».<sup>7</sup>

«Sede misericordiosos, assim como Deus é misericordioso, e como Ele manifestou humanamente a Sua misericórdia no Seu Filho Jesus Cristo. Por conseguinte, disse João Paulo II em 17 de abril de 1988, estai sempre disponíveis a acolher quem errou e perdoai de coração a quem vos ofendeu, assim como Deus Pai vos perdoa e vos acolhe».

---

<sup>6</sup> JOÃO PAULO II, *Deus, Rico em Misericórdia*. Paulinas – Secretariado Geral do Episcopado. Maio, 1999. N.º14.

<sup>7</sup> *Idem*.

Que os cristãos não tenham inimigos. Vençam a inimizade com a força do amor. Cultivem uma mentalidade e uma prática de não violência, preferindo ao uso da força o caminho do diálogo e a afirmação dos valores. Sejam abertos para com os necessitados, os pobres, os marginalizados. Sejam esses os amigos que convidam de preferência à mesa da vida.

O perdão é indispensável para uma sadia vida em comunidade. A começar pela mais pequena das comunidades que é o casal. «O mundo dos homens só poderá tornar-se ‘cada vez mais humano’ quando introduzirmos em todas as relações recíprocas, que plasmam a sua fisionomia moral, o momento do perdão, tão essencial no Evangelho».<sup>8</sup>

### **Ser Misericordioso**

Não há efetiva misericórdia se não existirem comportamentos misericordiosos. Sem isso, aquela não passa de mais uma linda palavra, como outras que deixam tudo como antes. Não nos esqueçamos da recomendação de Jesus, sendo misericordiosos como misericordioso é o Pai celeste.<sup>9</sup>

E o que é ser misericordioso? Quem pode ser classificado de misericordioso?

«Dizer de alguém que é misericordioso, escreve S. Tomás de Aquino, é como dizer que tem um coração cheio de misérias, ou seja, que perante a miséria de outro experimenta a mesma sensação de tristeza que experimentaria se fosse sua. Daqui resulta que se empenhe em afastar a miséria dos outros como se fosse própria; este é o efeito da misericórdia».

---

<sup>8</sup> JOÃO PAULO II, *Deus, Rico em Misericórdia*, 14.

<sup>9</sup> LUCAS 6, 36. PAPA FRANCISCO, *O Rosto da misericórdia*, 9, 13, 14.

Para S. Tomás, a razão da misericórdia é a falta de qualquer coisa no próximo que apela e impele o coração a ser compassivo e solidário». <sup>10</sup>

Misericordioso é aquele que faz o bem aos necessitados. É o bom samaritano que vai em socorro do outro.

Misericordioso é o que tem um coração sensível aos problemas e às dificuldades dos outros. O que compreende, o que desculpa, o que ajuda os outros a corrigirem-se dos seus defeitos.

Ser misericordioso, escreve Manuel Morujão,<sup>11</sup> é sair de si, exilar-se do próprio comodismo e interesses e fazer do outro o seu centro; é assumir o mal alheio como seu, pois o bem é fácil de aceitar; é ter a capacidade de chorar com os que choram e de os consolar. Nesta linha, recorda Bernard Bro, «a misericórdia é o amor que vive a miséria do outro como se fosse a sua»; «o profeta misericordioso, diz Bartolomeu Bennassar, dá-se, é do outro, expropria-se em favor do outro; os seus planos serão os planos do pobre, a sua voz a voz dos silenciados, a sua palavra estará ligada ao mais pequeno e maltratado da sociedade».

Há situações em que ser misericordioso exige sacudamos as consciências, alertando, por exemplo, para as incríveis desigualdades entre os homens e os povos.

É um «gigantesco escândalo» «ao lado de homens e sociedades abastados e fartos, a viverem na abundância, dominados pelo consumismo e pelo prazer, não faltarem na mesma família humana indivíduos e grupos sociais que passam fome. Não faltarem crianças que morrem de fome sob o olhar das próprias mães. Não faltarem, em vários pontos do mundo, em vários sistemas sócio-económicos, áreas repletas de miséria, de carência e de subdesenvolvimento».

---

<sup>10</sup> TRIGO, Jerónimo, *artigo cit.*

<sup>11</sup> MORUJÃO, Manuel, *art. cit.*

«Nos nossos dias, ao lado daqueles que são abastados e vivem na abundância, há outros que vivem na indigência, padecem a miséria e, muitas vezes, até morrem de fome».<sup>12</sup>

Ser misericordioso também consiste em exercer a missão profética da Igreja, denunciando abusos e prepotências. Consiste em ser a voz dos sem-voz. Em assumir a defesa dos marginalizados e dos oprimidos.

Consiste em ter um coração compassivo, capaz de entender a dor dos outros; de com eles partilhar alegrias e tristezas. Consiste em não ficar insensível à miséria alheia. Quer se trate da miséria física – a doença, os defeitos físicos, a pobreza, os fracassos nos negócios, na profissão, nos amores legítimos... – quer da miséria espiritual – a incapacidade, a ignorância, o erro, a debilidade de caráter, a malícia, a dureza, a sensibilidade excessiva e doentia, as ingratidões, a incompreensão, a preguiça, a perda da fama ou da honra... – ou da miséria sobrenatural: a perda da Fé, a perda da graça de Deus, a vida tibia, as tentações...

Ser misericordioso é ser compreensivo para com os defeitos dos outros e ajudá-los a superá-los. É amar os outros, mesmo com os defeitos que porventura tenham.

Os crentes devem sentir e mostrar compaixão uns pelos outros, diz S. Paulo.<sup>13</sup>

A Igreja professa a misericórdia de Deus, revelada em Cristo crucificado e ressuscitado, não somente com as palavras do seu ensino, mas sobretudo com a pulsação mais profunda da vida de todo o Povo de Deus, afirma João Paulo II.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> JOÃO PAULO II, *Deus, Rico em Misericórdia*, 11.

<sup>13</sup> S. PAULO, *Filipenses 2, 1; Colossenses 3, 12*.

<sup>14</sup> JOÃO PAULO II, *Deus, Rico em Misericórdia*, 13.

«Quem quiser alcançar misericórdia no Céu, adverte Álvaro del Portillo, deve praticá-la neste mundo. E por isso, já que todos desejamos misericórdia, atuemos de modo a que ela chegue a ser o nosso advogado neste mundo, para que nos livre depois no futuro. No Céu há uma misericórdia a que se chega pela misericórdia terrena». <sup>15</sup>

Além de sermos misericordiosos para com os outros é necessário que cada um comece por ser misericordioso para consigo mesmo. O dever de amarmos os outros não nos dispensa de, sem egoísmo, cumprirmos o dever de nos amarmos a nós próprios.

S. Bernardo, na exortação aos clérigos sobre a conversão, recomenda: «se és muito pecador e buscas uma grande misericórdia e uma imensa compaixão, preocupa-te em acrescentar a tua própria misericórdia. Reconcilia-te contigo mesmo, pois és um fardo para ti ao seres inimigo de Deus. Restabelecida a paz na tua própria casa, comunica-a em primeiro lugar aos que te estão mais próximos. Então o Senhor te beijará com a sua própria boca (Cant 1, 1) e, reconciliado, terás paz com Deus». <sup>16</sup>

(Continua no próximo número)

---

<sup>15</sup> PORTILLO, A. del, *Carta*, 3.05.1987, n.30.

<sup>16</sup> ANDRÈS, José-Román Flecha, *Bienaventuranzas, caminos de felicidad*. BAC Popular. Madrid, 2011. Pag. 132-133.



2.

Igreja Diocesana



## 1. Dos nossos Pastores

# *Quatro pilares para construir a sociedade*

*Homilia proferida pelo senhor D. Jorge Ortiga na Missa com que terminou, em 07 de junho, uma peregrinação ao Sameiro.*

Ninguém ignora, assim o creio e espero, que a Arquidiocese de Braga, através das suas comunidades, encontra-se a aprofundar as diversas exigências e dimensões da fé. O que significa e o que implica, hoje, ser um crente? Em que se diferencia a Igreja de outras instituições? No poder, tal como no passado, ou na responsabilidade eclesial e social?

Este ano, esperamos que os católicos reaprendam a vincular a fé à sua vida quotidiana. Em Outubro passado, inaugurámos um Ano Social e pedimos às comunidades que os cristãos vivessem a fé segundo o itinerário delineado nas 14 Obras de Misericórdia. Quisemos um maior empenho social por parte dos cristãos, dos movimentos e das estruturas, a fim de mostrarem este compromisso da Arquidiocese, promovendo a necessária dignidade dos mais carenciados e débeis.

Viver a fé comporta consequências para a nossa vida. É um compromisso pessoal, reflectido e assumido, que se inspira em diversos valores evangélicos para depois os gravar na identidade cultural dos povos. A Igreja não vive para si mesma. Ela existe para o mundo e este, na complexidade das suas situações estruturais, necessita daquilo que alguém apelidou “suplemento de alma”. Recordámos várias vezes, neste sentido, que a fé deve, através dos cristãos, chegar às empresas, à economia, à política, aos serviços públicos da saúde, ensino e segurança, aos momentos de lazer ou de trabalho, à arte e valores patrimoniais, assim como à relação com a natureza e à ecologia.

Ao celebramos hoje a Festa do Corpo de Deus, estamos a reconhecer que a Encarnação de Cristo não foi algo efêmero. Ela tem, na eucaristia, uma presença singular, real e permanente. Só assim compreendemos a razão do Corpo de Cristo ser adorado e, uma vez comungado, ser, para nós, alimento e força. A eucaristia é, de verdade, este momento de comunhão com Cristo que se prolonga em tantos gestos evangélicos na nossa vida.

A partir da vivência da eucaristia, como momento inspirador de vidas de fé, sabemos que o nosso quotidiano deve estar norteado pelos valores sociais que promovam e favoreçam o desenvolvimento integral da pessoa. Gostaria de realçar quatro palavras que são pronunciadas com frequência mas nem sempre estão presentes na vida eclesial e social. Temos a responsabilidade de as descodificar e de reconhecer que a sociedade nunca será justa sem a sua vivência concreta. O *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* enumera-as e explica-as sumariamente. A saber: a verdade, a liberdade, a justiça e o amor.

Onde está a **verdade** nos diálogos pessoais e nos discursos políticos ou, quem sabe, nas nossas homilias? Viver, respeitar e testemunhar a verdade é suficiente para construir um verdadeiro projecto universal. Neste tempo de pluralismo ideológico, não é correcto que os partidos camuflem as suas verdadeiras intenções. Quanto dualismo e quantas máscaras a esconder o que se é ou se pretende.

A **liberdade**, como sinal da verdadeira dignidade, deve ser redefinida e devidamente entendida. Assistimos, infelizmente, em nome da liberdade, a verdadeiros atentados à dignidade e liberdade humanas. A liberdade, enquanto valor, começa a exigir uma conveniente interpretação do seu estatuto para ser capaz de recusar “tudo o que é moralmente negativo”, num consenso de todos para uma sociedade evoluída.

A **justiça** tem uma importância primordial no actual contexto, uma vez que é ameaçada frequentemente. Ela não é apenas determinada pela lei mas insere-se no âmbito “da identidade profunda do ser humano”, isto é, aquela realidade que nos faz reconhecer que todas as pessoas têm necessidades e direitos muito explícitos. Nunca se falou tanto da justiça como hoje e nunca é tão importante redescobrir a sua abrangência. A doutrina da Igreja sublinha que importa “superar uma visão contratualista” para a abrir ao “horizonte da solidariedade e do amor”.

A vida da **caridade** é o valor por excelência do cristão. Os valores da verdade, liberdade e justiça nascem do amor e estes não se compreendem na ausência da caridade. As relações humanas não podem ser regulamentadas, como muitos pretendem, sem a caridade. Só a caridade consegue “plasmear o agir social”. Ela deve ser o princípio motivador que leva aos outros valores e faz com que eles existam. Nos tempos que correm, pode ser oportuno reconhecer a importância da caridade no social e na política. No amor relacionamo-nos uns com os outros; na dimensão social colocamos todas as instâncias, incluindo a política, a agirem por critérios de amor ao bem comum e nunca de interesses individuais e pessoais.

Reconhecer a verdade do mistério da presença de Cristo na eucaristia levou-me a sublinhar a importância destes quatro valores estruturantes da sociedade. Mas importa que tudo seja assimilado em ambiente de estudo e de oração. Esta é uma tarefa imprescindível para a missão da Igreja. Só na oração compreendemos a profundidade destas verdades e o estudo facilita a compreensão lógica

destas verdades. Daí que, nesta peregrinação Arquidiocesana, sinta a necessidade de pedir à Senhora do Sameiro que suscite nos cristãos esta dupla paixão. Mais ainda, a doutrina deve ser conhecida em ambiente de sadia convivência fraterna de irmãos que também se encontram para o lazer retemperador.

Penso que teremos, como Arquidiocese, de redescobrir a graça que o santuário do Sameiro pode proporcionar à Igreja e, por esta, a todo o mundo. Existem na Arquidiocese muitos santuários com a sua vida própria, e é bom que assim seja. O Sameiro, todavia, sintetiza o amor a Maria de todos os diocesanos. Daí o facto desta peregrinação ser considerada arquidiocesana.

No Sameiro temos condições para orar num santuário maravilhoso que inspira a intimidade com Deus diante da belíssima imagem, de timbre minhoto, da Senhora do Sameiro. O Centro Apostólico deve ser aproveitado como espaço de descanso e, particularmente, de estudo e de reflexão para os movimentos e cristãos. Os espaços envolventes oferecem a tranquilidade para o convívio familiar e, quem sabe, paroquial.

Coloquemos diante de nós Maria, a Mulher que viveu intensamente a fé, e façamos por sentir este apelo a levar as convicções religiosas para os diversos ambientes humanos. Voltemos aqui mais vezes e reconheçamos a prioridade e a responsabilidade de trabalhar a fé. Invistamos para que a qualidade da vida cristã se demarque de tanta superficialidade que vai conduzindo o mundo para um beco sem saída.

Maria, Senhora do Sameiro, suscita nos nossos corações o desejo de sentir e experimentar o amor de Cristo para o levar alegremente ao coração do mundo. Como Maria, e alimentados pela eucaristia conscientemente vivida, ofereçamos Cristo ao mundo. Que a Mãe do Céu nos abençoe e nos faça acreditar naquilo que tem verdadeiro valor.

Quero concluir com uma oração do Papa Francisco.

Ó Maria, fazei-nos sentir o teu olhar de Mãe,

*guiiai-nos para o teu Filho,  
fazei que não sejamos cristãos “de vitrina”,  
mas saibamos “meter mãos à obra”  
para construir com o teu filho Jesus,  
o seu Reino de amor, de alegria e de paz.*

## *Dia da Arquidiocese*

*O senhor D. Jorge pede sugestões a fim de se encontrar uma data para celebrar o Dia da Arquidiocese.*

A vivência da fé é algo de muito pessoal e que adquire maior profundidade quando inserida numa lógica comunitária. Esta realidade obriga-nos, por conseguinte, a tomar consciência de que pertencemos a uma Igreja Arquidiocesana.

Ainda não fomos capazes de encontrar uma data para celebrar o Dia da Arquidiocese. Realizaram-se diversas experiências quanto ao dia e ao modo de o viver. Hoje, gostaria de lançar uma pergunta. Sublinho que se trata de uma pergunta e que aguardo resposta por parte dos sacerdotes e dos leigos. Não é uma informação de algo determinado ou decidido.

Não poderia o dia da peregrinação arquidiocesana ao Sameiro ser o dia da Arquidiocese? Sei que quem peregrina desde a Sé está cansado. Mas há muitos que se incorporam noutros lugares e outros que participam exclusivamente na eucaristia.

Ao nível do programa, poderíamos potenciar alguns momentos-chave. Em primeiro lugar, a eucaristia seria o ponto alto, um mo-

mento especial para demonstrar a nossa devoção a Maria (Sta. Maria de Braga). Depois, o almoço poderia ser um momento de convívio, aproveitando os lugares maravilhosos que a natureza nos oferece. A tarde seria, então, um tempo reservado para conviver, conhecer as atividades e propostas dos arceprestados e um tempo para reflectir e rezar.

Agradeço que ponderem esta minha pergunta e que me façam chegar alguns ecos. Eu tenho uma certeza: necessitamos do Dia da Arquidiocese e, ao mesmo tempo, de não multiplicar em demasia os vários dias arquidiocesanos.

† Jorge Ortega, Arcebispo Primaz

## *Jesus está entre nós*

*Homilia proferida pelo senhor D. Jorge na Sé, na solenidade do Corpo de Deus, em 07 de junho.*

O que poderá dizer-nos a Solenidade do Corpo de Deus na recta final de um Ano Pastoral dedicado à exigência de viver a fé? Existem diversos aspectos relevantes a ter em consideração. Em primeiro lugar, a necessidade espiritual de colocar a Eucaristia no centro da vida pessoal e comunitária. Em segundo lugar, a necessidade de transformar a celebração eucarística em celebração da vida, isto é, transformar o pão em vida. Sabendo que é vital celebrar a Eucaristia, garantir o bem-estar pessoal, a qualidade dos edifícios de culto e do ambiente comunitário é condição essencial para uma experiência de fé. A eucaristia não é um espectáculo nem tão pouco um mero rito cultural. Na eucaristia testemunhamos a presença real de Cristo e, por isso, ela deve conquistar-nos e tocar-nos pelo seu amor.



Como diz o evangelista João, “na casa de meu Pai há muitas moradas” (Jo 14, 2). Isto significa, e é bom que o lembremos neste dia, que podemos encontrar-nos com Deus em diversos tempos e lugares, sejam eles programados ou imprevistos. Dito de outro modo, Deus também mora fora das paredes das igrejas e está disponível em horários não programados. Mas, repensemos seriamente, necessitamos dos lugares de culto para experimentar Deus. Não vivemos a fé sem a oração.

A pressa e as ocupações são, muitas vezes, falsos motivos para nos escusarmos a ter tempo para a oração. Mas, sem a oração, jamais poderá existir uma vida de fé consistente. É urgente encontrar tempo para a oração pessoal e comunitária.

Podemos, neste sentido, imaginar alguns cenários imprevistos de encontro: o silêncio da Igreja, a velocidade da viagem de comboio, a tranquilidade de uma paisagem maravilhosa ou o aconchego do lar. São tantos os momentos do dia em que o coração pode elevar-se ao alto para dar graças a Deus ou, talvez, para agradecer a alegria de conviver com um amigo. Como é importante simplificar a vida e reservar tempo para a amizade e para o louvor de Deus.

O modo como fazemos a experiência de oração está a mudar. Outrora fomos educados para a oração quase exclusivamente oral, com fórmulas por vezes incompreendidas e repetidas mecanicamente. Sei que é importante este modo de oração e que não o podemos desconsiderar. Muitas vezes, infelizmente, à falta de alternativas consistentes, acabamos por abandonar este modo de rezar e ficamos vazios. O quanto é importante reformar sem destruir! Tomemos como exemplo o terço. Ao invés de o repetir mecanicamente, não seria melhor prever alguns textos de meditação e de interiorização dos mistérios de Deus?

Mas, a Igreja oferece-nos um sem número de orações que também concretizam a vida de fé. Recordo apenas três que poderão orientar a nossa vida pessoal e comunitária.

A **Lectio Divina** é o colóquio com Deus, a partir da Sagrada Escritura, num ambiente pessoal ou comunitário de partilha de fé,

sentimentos e interpelações. Graças a este modo de orar, podemos compreender a Palavra e sentir as interpelações que ela nos suscita. E, quando o amor reina entre todos, Deus está presente e leva-nos a discernir certas dimensões da nossa vida pessoal.

A **Liturgia das Horas**, com a oração dos salmos, consagra as horas de cada dia e integra-nos na belíssima realidade de sermos Povo de Deus. Um povo que marcha numa longa história de fidelidade a Deus. Ser fiel é um empreendimento de uma vida. Requer tempo, perseverança e sentido. A *Liturgia das Horas* é, por isso, alimento que nos recorda, ao fio das horas, este desejo de compromisso.

Se todos estes modos de promover encontros de vivência da fé necessitam de ocupar um lugar na pastoral, é necessário alertar para o valor da **oração solitária e silenciosa**. Fechar-se num quarto ou ajoelhar-se diante de um sacrário, por breves ou longos momentos, é maravilhoso. Retempera energias e dá-nos uma felicidade tranquilizante.

Este ano quisemos convidar para a Solenidade do Corpo de Deus os Institutos Religiosos e Seculares, masculinos e femininos. Estamos no Ano da Vida Consagrada. Não poderão estes Institutos dar corpo a grupos de oração, na cidade ou fora, que sejam rosto da acção evangelizadora da Igreja? Uma ou duas irmãs ou religiosos poderiam apresentar-se às paróquias e propor-lhes grupos de oração e formar responsáveis em ordem à continuidade, no momento em que tivessem de deixar o lugar. O carisma de cada um seria respeitado, sentir-se-iam extremamente úteis, sem prejudicar o trabalho comunitário, e estariam a corresponder ao pedido do Papa de saírem para ir ao encontro das pessoas onde elas se encontram, não só com preocupações sociais mas com vontade de crescer com outros no encontro com Cristo. Deixo esta sugestão que poderá marcar o ano da Vida Consagrada.

Numa perspectiva de viver a fé, quero ainda solicitar aos sacerdotes que pensem uma catequese, não só para crianças, sobre a presença real de Cristo na eucaristia e, conseqüentemente, nos

sacrários. O sacrário deve ter um lugar de destaque nas igrejas e permitir que os cristãos entrem e se detenham, em primeiro lugar, num momento de oração. Depois, poderão ter as suas devoções.

Pastoralmente falando, temos de restituir às igrejas a dimensão do sagrado. Não é possível continuar com a vulgarização e quase profanação dos lugares sagrados. As conversas são para o adro e as fotografias devem ter outros lugares. Pode parecer exagerado, mas há momentos em que as igrejas são autênticas feiras ou salas de espectáculos. Cresçamos na presença de Cristo e respeitemo-la com zelo.

Que Jesus Eucaristia seja a força para uma vida de fé e que a presença de Cristo nos proporcione momentos de verdadeiro encontro para encarar a vida com outra profundidade. Não desperdicemos o dom da presença real de Cristo. Aproveitemos esta graça.

## *Maria, ajudai-nos a recuperar o Sínodo Diocesano*

*Homília do senhor D. Jorge Ortiga, em 14 de junho, em Esposende, na despedida da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima.*

A nossa vida é marcada por acontecimentos, pessoas, histórias, pensamentos. Há coisas que entram em nós e alteram a nossa rota existencial.

A minha devoção a Maria encontrou um sentido novo quando, nos primeiros anos do meu sacerdócio, encontrei uma meditação que me levou a amar Maria de um modo diferente. Intitula-se

“Porque quero revê-la em Ti”. A partir desse momento, encontrei Maria na necessidade de a imitar, de ser alguém que reza orações tradicionais mas procura muito mais.

Nesta despedida da Virgem Peregrina, olhando para os 14 arcebispos prestados por onde a imagem passou e neles para todas as paróquias, quero, em atitude de prece, rezar com esse texto e pedir a Maria que nos ajude a crescer na fé.

“Entrei na Igreja um dia  
e com o coração cheio de confiança  
perguntei-Lhe: «Porque quiseste ficar na terra,  
em todos os lugares da terra,  
na dulcíssima Eucaristia  
e não encontraste um modo,  
Tu que és Deus,  
de trazer e deixar também Maria,  
a Mãe de todos nós, que peregrinamos?»  
No silêncio, parecia responder;  
«Não a trouxe porque quero revê-la em ti.  
Ainda que sejais imaculados,  
o meu Amor vos virginizará,  
e tu, vós,  
abrirei os braços e os corações de mães  
à humanidade que, como outrora,  
tem sede do seu deus e de sua Mãe.  
A vós, suavizar as dores,  
as chagas, enxugar as lágrimas.  
Canta as ladainhas e procura espelhar-te nelas.”

Nesta prece do desejo de sermos, sacerdotes e leigos, *pequenas Marias*, destaco cinco aspectos do Evangelho, o qual nos fala da parábola da Semente. A mesma semente entregue no final do Sínodo Diocesano, realizado de 1994 a 1997 com o grande objectivo de “Evangelização e paróquia: novos desafios e novas respostas”. Como foi belo aquele momento! Não teremos possibilidade de o repetir?

No próximo ano pastoral iremos trabalhar a dimensão missionária da fé. Move-nos a consciência de que Cristo foi o missionário por excelência e de que devemos trabalhar em ordem a uma sociedade mais justa, aqui ou em lugares mais abastados. Talvez tenhamos, nos tempos que correm, de nos deixar convencer que a missão mora ao nosso lado. Dizemos ser uma sociedade maioritariamente católica. Sê-lo-emos de facto? Enquanto comunidade cristã, não estaremos a agir segundo este (frágil) pressuposto e a alhear-nos da realidade que nos circunda?

O Sínodo Diocesano viveu a bonita experiência de dinamizar mais de 1.500 grupos sinodais. Houve reflexão, oração e propostas de renovação das comunidades. Os resultados foram, na teoria, maravilhosos. E na prática?

Um dos grandes objectivos da Visita da Virgem Peregrina a todas as dioceses de Portugal é a renovação pastoral da Igreja. Peço à Senhora que nos conceda o dom de repetirmos a experiência de constituir grupos, a nível paroquial e interparoquial, de Formação para a Missão. Serão 1500? É secundário. Fundamental é que reacquiramos a alegria e a esperança de caminhar sinodalmente, isto é, em conjunto, em unidade, em comum.

Este nosso trabalho leva-nos à vivência do Evangelho de hoje. Foi ele que me trouxe à mente o saquinho de sementes entregue na Sé Catedral no dia do encerramento do Sínodo. O que nos sugere, então, o Evangelho de hoje e em que poderá ajudar-nos a recuperar a dinâmica e os compromissos do Sínodo?

**1. A semente foi lançada à terra.** A missão da Igreja, como Povo de Deus – sacerdotes e leigos –, é lançar a semente à terra do mundo. Um mundo feito de realidades novas e à espera de sementes novas. Essas sementes, colocadas no seio das problemáticas e desafios hodiernos, produzirão, a seu tempo, fruto.

Nunca nos podemos esquecer que a semente é sempre pequena em confronto com as forças presentes na história hodierna. Importa ter, sem vergonha ou complexos, um espírito humilde e consciência da nossa pequenez.

**2. A semente germinou.** Hoje são necessários cuidados acrescidos para que a semente germine. Ela é frágil e, por isso, requer muita dedicação e serviço. Não basta lançá-la se não cuidamos dela com o carinho de ver algo a nascer. Ela germinará, certamente, se a colocarmos nos diversos ambientes da civilização. A “pastoral de saída” convida-nos a ir onde as pessoas se encontram. O pastor não espera. Procura. Cuidar, sair, procurar são hábitos novos.

**3. A semente cresce.** Sentir alegria por anunciar é o primeiro requisito para ver os frutos das sementes deitadas à terra. Importa que os outros vejam a nossa convicção e testemunho e que estes sejam credíveis. A arrogância, pelo contrário, destrói qualquer ação evangelizadora. Mas, para que o crescimento aconteça de verdade, nunca nos poderemos contentar em sermos agências de serviços. Precisamos de ser contemplativos. A pastoral hodierna sem oração, pessoal e de grupo, não resulta. Alguns poderão pensar que é perder tempo. Só a partir deste contacto directo com Deus, os frutos surgirão.

**4. Produz fruto.** O fruto é o que mais ansiamos. Hoje, muitos contentam-se com novidades sem conteúdos e alimentadas por um sentimentalismo emotivo e efêmero. A pastoral, para dar frutos, tem de ser pensada e reflectida individualmente e pelos diferentes grupos de sacerdotes e leigos. Apenas com um pensamento intenso veremos alguns frutos a acontecer, principalmente no domínio público. Onde estão os católicos na vida pública? Não serão eles necessários para que a política reencontre a confiança dos portugueses e ofereça motivos para esperar um futuro melhor?

**5. As aves do céu vêm abrigar-se às sombras.** As agruras da vida moderna são muito complexas e complicadas. A vida é sofrida e as pessoas necessitam de lugares retemperadores e colhedores. É esta capacidade de acolhimento de todas as pessoas, e esta presença da Igreja em todos os ambientes, num clima de respeito e tolerância pelo diferente, que fará com que ela seja alternativa a outras propostas. Outrora os conventos acolhiam e marcavam a sociedade com verdadeiras revoluções culturais e civilizacionais. Se formos fiéis ao ADN da semente, que primeiramente nos alimenta e só depois nos dá o direito de esperar os frutos, encontraremos a alegria do Evangelho.

Maria, Virgem Peregrina, Mãe de Jesus e discípula missionária, faz com que as nossas comunidades se renovem através desta graça de nos tornarmos “pequenas Marias”. Concede-nos o dom de nos apaixonarmos por um trabalho de conversão pessoal e de renovação pastoral. Ensina-nos a **semear** a pequenina semente do Evangelho; a oferecer a ternura e a delicadeza para que **germine**; a fazer com que **cresça** nos diversos ambientes tornando-nos verdadeiros adoradores de Cristo que quis ficar connosco e entre nós; a saborear os **frutos** dentro das paróquias e na sociedade civil, conscientes da necessidade de uma formação permanente; a sermos pontos de alegria que **acolhem** a todos para que recuperem a esperança e os mais frágeis a possibilidade de usufruírem das condições mínimas para uma vida digna.

Senhora de Fátima, vieste visitar-nos. A tua presença deixará marcas nesta vetusta Arquidiocese e fará com que seja verdadeiro sacramento universal de salvação. Fica connosco. Nós aumentaremos o tradicional amor do Povo do Minho à Mãe do Céu tornando-nos discípulos missionários pelo Reino de Deus.

## Apresentação da encíclica «*Laudato si*»

*Discurso proferido pelo senhor D. Jorge Ortiga em 19 de junho, no Bom Jesus do Monte, na apresentação da encíclica «Laudato si», do Papa Francisco.*

O pensamento da Igreja vive em permanente revisão. Procura conceitos novos para transmitir verdades intemporais, mas, ao mesmo tempo, acompanha com atenção os novos desafios que preocupam a Humanidade e carecem de olhares sábios e ponderados que iluminem a realidade.

A *ecologia* é uma dessas realidades. Muitos poderão dizer que a Igreja nunca se interessou por este tema e que, também ela, embarca em discursos da moda. Não é verdade. A Igreja insistiu sempre na lógica das primeiras páginas do *Gênesis*: Deus é o criador do Universo e o Homem está no centro da criação. Estar no centro não deve ser confundido com egocentrismo. É antes uma posição estratégica para defender a criação. Como lembra o Papa Francisco, o Homem não é proprietário do mundo, mas seu guardião e, como tal, deve amar e respeitar sem nunca cair na tentação de dominar, possuir, manipular, explorar.

O drama que inquina a relação entre as criaturas e a criação continua a ser a exploração subversiva. A terra é dada ao Homem para que ela a proteja em benefício de todos. Daí que hoje possamos afirmar, sem a mínima dúvida, que vivemos tempos de crise. Crise ecológica, económica e social. Uma crise que é estruturalmente antropológica.

Infelizmente, hoje, o pêndulo dos valores gravita em torno do lucro. Para as periferias relegam-se a harmonia da criação e



o próprio criador. Qual é a morada de Deus? Porque oprime o Homem os indefesos? Como recorda o Papa Francisco, “a obsessão por um estilo de vida consumista, sobretudo quando poucos têm possibilidades de o manter, só poderá provocar violência e destruição recíproca” (*Laudato si'*, 204).

O que presenciamos hoje? O lucro fácil, a cultura do desperdício, o consumismo, isto é, estilos de vida que contaminam e destroem o mundo. “O homem foi longe demais” (*Encontro com os jornalistas durante o voo para Manila* 2015), alerta o Papa Francisco. É insustentável uma sociedade que se norteia pelo sistema mercantil onde as pessoas são tratadas consoante a sua utilidade.

Será racional ocultar a fome de muitos, e desprezar os migrantes e refugiados que sonham dias melhores? O Santo Padre, como noutros momentos, é sagaz ao dizer que “a fome é um crime. A alimentação é um direito inalienável” (*Discurso aos participantes no encontro mundial dos Movimentos Populares*, 28.10.2014). A fome é, apenas e só, uma dissonância nesta desarmonia entre os desejos do Homem e o cuidado pela criação.

A dignidade e a qualidade de vida não podem ser um privilégio de uma pequena elite.

A Igreja, desde tempos imemoriais, tem apontado caminhos de salvação. Agora é o Papa Francisco, com uma encíclica sobre a ecologia, a chamar a atenção da Humanidade e, porventura, dos governantes das nações e instituições internacionais. Fálo na esteira de outros Papas: S. João Paulo II com a *Sollicitudo Rei Socialis* (34) e Bento XVI com a *Caritas in veritate* (48-52). E isto apenas para dar alguns exemplos.

Insiste-se na ideia de que há limites no confronto com os recursos da natureza. Respeitar os limites significa, antes de mais, reconhecer o senhorio de Deus e a necessidade de nos respeitarmos mutuamente. Podemos, inclusive, falar de pecado grave quando o Homem não assume esta responsabilidade. “A degradação ambiental e a degradação humana e ética” (LS 56) estão intimamente ligadas, como podemos ler nesta nova encíclica. A verdadeira ecologia será

sempre, neste sentido, uma ecologia humana. Respeitar a natureza não se sobrepõe ao respeito pelo Homem. Protegemos a terra, a água, os recursos naturais e o ambiente com o intuito de proteger o Homem da sua destruição (*Caritas in Veritate* 51).

Sei que há correntes de pensamento que invertem a ordem dos factores. Colocam em primeiro lugar a natureza e só depois o Homem. Creio serem correntes radicais e anti-anthropocêntricas. Negam o Deus criador e, como consequência, o Homem deixa se ocupar o lugar central da criação. Para eles o cosmos existe antes do Homem e, sem ele, o homem é dessacralizado e a terra endeusada. Não me identifico com esta teoria.

O que defendo então? Defendo que a atitude mais ecologista é a adoração. Parar e contemplar a natureza, como um dom acolhido que não aceita a avareza destruidora para uma exploração irremediável. As necessidades vitais devem ser oferecidas. A exploração abusiva das potencialidades da criação deve ser condenada.

É, por isso, urgente criar uma nova mentalidade, a começar pela família, pela escola, catequese, universidades, etc.. Novos hábitos precisam de ser cultivados para não correremos o risco de chegar tarde.

Esta encíclica é de uma actualidade invulgar, devo dizê-lo. Queira Deus que os formadores da opinião pública a trabalhem e a tragam para o debate público. O cuidado desta nossa casa comum começa hoje mesmo!

## *As festas cristãs não contradizem a alegria*

*Homilia proferida pelo senhor D. Jorge Ortiga na Missa campal celebrada no Largo de S. João da Ponte, em Braga, em 24 de junho.*

As festas de S. João são um património da cidade de Braga. Proporcionam-nos diversão, música, convívio, memórias e alegria. Revelam-nos, ao mesmo tempo, o relevo cultural da fé na estruturação da identidade de uma nação ou de uma cidade. Podemos imaginar Braga sem S. João Baptista, S. Geraldo, Beato Bartolomeu dos Mártires, a Senhora da Sameiro e, em última análise, sem o próprio Cristo? Temos consciência que o Estado é laico. É um facto. A laicidade do Estado é, para muitos sectores da sociedade e da política, a garantia da pluralidade e do tratamento justo relativamente às diferentes religiões ou profissões de fé.

A justiça não significa, todavia, equidade acrítica. Justiça significa fazer uma leitura adequada da realidade e desencadear os mecanismos necessários para corresponder às expectativas e necessidades reais dos interlocutores. Sem este exercício, a laicidade facilmente se degenera numa ideologia. E “a ideologia política pode corromper a mente e a ciência”, como afirmou Edward Wilson. Ainda que o Estado seja laico, a população a quem ele serve pode não o ser. Não é em Portugal, assim como não o é em Braga. Segundos os últimos censos feitos em Portugal (2011), 81% dos portugueses declarou-se católico.

Precisamente porque o Estado é laico, deve cumprir o seu dever e, em liberdade, potenciar os canais, espaços, instituições e instrumentos que valorizam a fé dos cidadãos que o elegeram. A fé é também um dado cultural e edifica a identidade de uma nação. É neste sentido que compreendemos quando o Papa Francisco,

na recente encíclica *Laudato si'*, afirma que é “preciso integrar a história, a cultura e a arquitectura de um lugar, salvaguardando a sua identidade original” (LS 143).

Comecei por dizer que as festas de S. João são um património da cidade. Acrescento, agora, que são, com igual propriedade, ou ainda mais, património da comunidade cristã em Braga. Os esforços desenvolvidos pelos poderes civis são meritórios e devem ser lidos neste contexto, salvaguardada a justa laicidade, de reconhecimento que os bracarenses são um povo cristão. É, por conseguinte, bom que um serviço público colabore na organização de eventos que se coadunam e fomentam os valores e crenças dos cidadãos.

Só que os cristãos não podem limitar-se à vertente lúdica. Devem tornar as festas verdadeiramente cristãs, mesmo que para muitos não lhes interesse. No meio de tantas iniciativas, os cristãos devem privilegiar quanto pode beneficiar a vivência da fé.

Qual, então a identidade original, das festas de S. João? Em primeiro lugar, são dedicadas a S. João Baptista, o único santo, a par de Nossa Senhora, de quem se celebra o nascimento. Dos restantes santos lembramos exclusivamente a sua morte ou martírio.

Em segundo lugar, estas festas, na cidade de Braga, remontam ao século XII, altura em que foi erigida uma igreja paroquial dedicada a S. João e depois, em 1616, uma capela na actual S. João da Ponte. São, portanto, e uma vez mais, festas com uma matriz cristã.

Em muitas das nossas cidades e paróquias, à imagem de Braga, multiplicam-se por estes dias as festas em honra dos santos padroeiros. Porque todas elas têm uma matriz cristã, gostaria de recordar alguns pontos que escrevi, em 2004, no documento *Sentido Cristão das Festas Religiosas*. Faço-o para que estas festas permaneçam fiéis ao seu verdadeiro espírito e, também, momento para viver a fé.

1. “Graças às festas religiosas, o nosso povo, ao longo de muitos anos, aprofundou e alimentou a sua fé e sentiu o desafio à conversão e santidade”. Poderemos dizer que os tempos são outros, mas

o testemunho dos santos é algo intemporal. Quando evocamos os santos e repassamos a sua vida, estamos a colocar a nossa própria vida em questão, estamos a criar oportunidades para arrepiar novos caminhos de santidade, isto é, de aproximação aos nossos anseios mais íntimos e, por isso, queremos, ou devemos querer, alimentar e aprofundar a fê.

2. A vida dos santos é, neste sentido, “um estímulo”. Recordar um santo significa encontrar-se com um homem ou mulher, iguais a tantos outros, com problemas e dificuldades, dúvidas e interrogações, mas que no meio das noites escuras da vida deram força à fê. Daí que recordá-los signifique encontrar forças para, nos ambientes hodiernos, sermos coerentes com as exigências da fê que professamos.

3. Em terceiro lugar recordei que, outrora, nas festas populares, o povo, na sua simplicidade, aliava a dimensão lúdica com a dimensão religiosa, acabando por se enriquecer “cultural, recreativa e espiritualmente.” Uma vertente não deve excluir a outra. Bem pelo contrário. A alegria das festas populares comprova, como dizia S. Francisco de Sales, que um santo triste é um triste santo. A alegria faz parte da mensagem cristã. Ainda recentemente, o Papa Francisco escreveu que a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (*Evangelii Gaudium*, 1).

Por isso, a fê deve tornar-se alegria em todas as horas e momentos. Recordemos que até Nietzsche reconhecia que é possível “crer num Deus que soubesse dançar” (Nietzsche, Assim falou Zaratustra). Que a alegria das festas gere alegria à nossa religião católica.

S. João Baptista foi um homem de fê. Reconheceu, antes de todos os outros, que Jesus era o Cristo. Foi humilde e soube retirar-se no momento certo. Falou daquilo que era essencial com as palavras adequadas. Viveu para Deus e Deus deu-lhe a vida eterna. É por todas estas razões que o Anjo do Senhor diz a Zacarias, no Evangelho de hoje, que João “será motivo de grande alegria e muitos hão-de alegrar-se com o seu nascimento”.

Que estas festas de S. João sejam, para todos os cristãos, motivo de festa e alegria e que a vida de João Baptista seja um modelo inspirador para a nossa vida de fé a transparecer felicidade, mesmo nos dias e horas enigmáticos que não deixaremos de ter.

## *A bondade de Jesus e o respeito pela natureza*

*Texto escrito pelo senhor D. Jorge Ortiga para o  
semanário da Agência Ecclesia, em 25 de junho.*

A Arquidiocese de Braga teve, este ano, a imensa alegria de lhe ser concedida a elevação de dois dos seus santuários a basílicas menores. O primeiro santuário, agora basílica, foi o de S. Bento da Porta Aberta. A razão que nos motivou a este pedido foi simples: estamos em pleno ano jubilar e comemoramos 400 anos do templo dedicado a S. Bento. É sabido que, logo após o Santuário de Fátima, S. Bento é o centro de espiritualidade mais visitado em Portugal.

Agora, razões semelhantes, levaram a Arquidiocese de Braga a formular o pedido de elevação do santuário do Bom Jesus do Monte a basílica menor, título já concedido a 19 de Abril deste ano. A carta que acompanha o Decreto sublinha uma maior ligação ao Santo Padre e a “exemplaridade” do santuário como “centro de acção litúrgica e pastoral na Diocese”. É a esta razão. Fazer da futura basílica do Bom Jesus um exemplo da acção litúrgica, da espiritualidade e do acolhimento ao milhão de peregrinos que anualmente acorrem a esta estância.

Mas o Bom Jesus representa ainda algo mais profundo. A nova basílica é, e deverá tornar-se ainda mais, um verdadeiro livro aberto, inteligível por todos bracarenses e turistas, sobre a bondade de Jesus, o Bom Jesus. O ritmo frenético do dia-a-dia faz com que, amiúde, as pessoas não tenham tempo para pensar e, por vezes, tomem opções erradas. Outras vezes, não conseguem assimilar e discernir a sua vida com os olhos de Deus. E então, como consequência, criam-se imagens equivocadas de Deus. Ele está longe, não atende aos pedidos, Ele é severo... ouvimos tantas vezes da boca das pessoas.

É por isso que Jesus deve entrar na vida das pessoas, ser o norte e o sentido das suas escolhas pessoais. Trata-se, como não poderia deixar de ser, de uma profunda mudança de mentalidade: passar de um Deus longínquo, castigador, a exigir sacrifícios, para uma proclamação da Sua beleza num ambiente igualmente belo, como é o sacro monte do Bom Jesus.

O Bom Jesus possui um valiosíssimo património artístico e ambiental, permitam-me sublinhar este aspecto. O património é memorável e encantador. A basílica, as 19 capelas, o escadório e as fontes da purificação dos sentidos são um museu ao livre, para quem visita numa óptica de turismo religioso. Mas sabemos, ao mesmo tempo, que a beleza, quando despida de vaidades, faz-se evangelização. Outra coisa não nos move senão o anúncio do Evangelho pela via da beleza, da espiritualidade e do cumprimento das obras de misericórdia.

A património é rico, assim como todo o ambiente que o rodeia. O Papa Francisco acaba de publicar a encíclica *Laudato si'*, sobre o cuidado da casa comum. Creio que o Bom Jesus poderá ser, também neste âmbito, um espaço de referência, uma casa a ser cuidada e valorizada. Queremos cuidar da mata do Bom Jesus, do lago e ainda criar um jardim bíblico. Queremos que a natureza fale da bondade de Cristo.

Tudo isto são razões que nos levam a acreditar que, no futuro, o Bom Jesus do Monte será considerado Património Mundial pela UNESCO. Os antigos diziam que honor traz consigo honnus. A honra implica um ónus. O nosso encargo é, antes de mais, honrar a memória dos nossos antepassados e permitir que as pessoas façam a experiência da bondade de Deus. Se conseguirmos isso... então o nosso ónus terá sido leve em comparação com os ganhos obtidos para o Reino de Deus.

## *Atividades pastorais:*

*junho/2015*

*D. Jorge*

- 05 – Esteve presente na tomada de posse do presidente do Centro Regional de Braga da Universidade Católica e do diretor da Faculdade de Filosofia e de Ciências Sociais.
- 07 – Presidiu à Missa com que terminou uma peregrinação ao santuário do Sameiro. Presidiu à Missa da solenidade do Corpo de Deus, na Sé, e à procissão que se lhe seguiu.
- 08 – Esteve presente numa conferência de imprensa onde se anunciou a colaboração com a diocese moçambicana de Pemba.
- 11 – Presidiu à celebração da Eucaristia na capela da Faculdade de Teologia.
- 12 – Esteve presente numa conferência de imprensa, no Bom Jesus do Monte.



- 13 – Presidiu à celebração da Eucaristia na capela de Santo António, em Vila Nova de Famalicão, e na capela do Centro Juvenil de S. José, em Guimarães.
- 14 – Presidiu à celebração da Eucaristia em Esposende.
- 15 a 17 – Participou em Fátima nas jornadas pastorais do episcopado.
- 19 – Presidiu no Bom Jesus do Monte a uma conferência de imprensa destinada a apresentar a nova encíclica do Papa Francisco, *Laudato Si*. Benzeu em Espinho a Creche do Centro Social Paroquial de Sobreposta.
- 20 – Esteve presente numa reunião do Conselho Arquidiocesano do CPM.
- 21 – Benzeu o novo lar residencial para idosos, do Centro Social de S. Martinho de Silvaes, no arciprestado de Fafe. Concluiu a visita pastoral a Celorico de Basto, tendo celebrado a Eucaristia e administrado o Sacramento da Confirmação na paróquia de Britelo. Teve um breve encontro com o presidente da Conferência Episcopal do Paquistão. Presidiu em Joane, arciprestado de Vila Nova de Famalicão, à celebração interparoquial do Crisma.
- 23 – Presidiu em Estorãos, no arciprestado de Fafe, à Missa exequial pelo P. Arménio Vaz Monteiro. Esteve presente na abertura oficial das Festas do S. João, em Braga.
- 24 – Presidiu à celebração da Eucaristia no exterior da capela de S. João da Ponte, em Braga.
- 25 – Presidiu à celebração da Eucaristia na Casa Sacerdotal, em Braga.
- 26 – Esteve presente numa conferência internacional, no Bom Jesus do Monte. Concelebrou no Hotel João Paulo II (ex-Centro Apostólico do Sameiro) com um grupo de sacerdotes que ali fizeram retiro.

- 27 – Benzeu o novo edifício do Centro Social Paroquial de Ronfe, no arciprestado de Guimarães e Vizela, e visitou o de Polvoreira, no mesmo arciprestado.
- 28 – Presidiu à celebração da Eucaristia na Basílica de S. Pedro do Toural, em Guimarães, e em Ribas, Celorico de Basto.
- 29 – Presidiu à celebração da Eucaristia no Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo.

*D. Francisco Senra*

- 02 – Participou no Conselho Episcopal presidido pelo Sr. Arcebispo Primaz.
- 03 – Proferiu uma conferência na Academia Portuguesa de História, ao ser promovido a Membro de Mérito.
- 04 – Continuou as Visitas Pastorais a Celorico de Basto: preparação da Visita Pastoral à paróquia de São Clemente de Basto.
- 05 – Preparou a Visita pastoral à Paróquia de Caçarilhe.
- 06 – Presidiu à festa da Fé celebrada no Colégio Dom Diogo de Sousa. Efetuou a Visita Pastoral a Caçarilhe, com a administração do Sacramento da Confirmação.
- 07 – Efetuou a Visita Pastoral à Paróquia de São Clemente de Basto, com a celebração de Primeiras Comunhões, Profissão de Fé e Sacramento da Confirmação.
- 09 e 10 – Presidiu à Peregrinação Nacional das Crianças ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, na Cova da Iria.
- 11 – Preparou a Visita pastoral a Santa Tecla de Basto e a São Miguel de Carvalho.
- 12 – Presidiu à Missa Festiva do Sagrado Coração de Jesus no Seminário dos Missionários Combonianos, em Famalicão. Preparou a Visita Pastoral à Paróquia de São Miguel de Gémeos.

- 13 – Efetuou as Visitas Pastorais às Paróquias de Santa Tecla de Basto, sem administração do Sacramento da Confirmação, e de São Miguel de Carvalho, com a celebração do Sacramento da Confirmação. Presidiu à Missa Festiva em louvor de Santo António, na Igreja do Pópulo, em Braga.
- 14 – Efetuou a Visita Pastoral à Paróquia de São Miguel de Carvalho. Presidiu à celebração interparoquial do crisma na Igreja Paroquial de São Bento da Várzea.
- 15, 16 e 17 – Participou em Fátima nas Jornadas da Conferência Episcopal Portuguesa e em duas reuniões da Comissão Episcopal do Laicado e Família.
- 19 – Preparou a Visita Pastoral à paróquia de Arnoia.
- 20 – Presidiu à Missa celebrada no Salão Paroquial de Fão, por ocasião do Encontro Diocesano do Movimento do Renovamento Carismático Católico. Presidiu à celebração interparoquial do Crisma no auditório paroquial de Gilmonde, Barcelos. Efetuou a Visita Pastoral à paróquia de Arnoia, com a administração do Sacramento da Confirmação.
- 21 – Efetuou a Visita Pastoral à Paróquia de Borba da Montanha, com a administração do Sacramento da Confirmação. Presidiu à celebração interparoquial do Crisma na Igreja Paroquial de Minhotães, Barcelos.
- 24 – Participou numa reunião dos Sacerdotes do Arciprestado de Vieira do Minho. Presidiu à procissão de São João, em Braga.
- 25 – Preparou a Visita Pastoral às paróquias de São Romão do Corgo e Canedo.
- 27 – Presidiu à celebração interparoquial do Crisma nas igrejas paroquiais de Joane e Delães, ambas no Arciprestado de Famalicão. Efetuou a Visita Pastoral à paróquia de São Romão do Corgo, sem a administração do Sacramento da Confirmação.

- 28 – Efetuou a Visita Pastoral à Paróquia de Canedo, com a administração do Sacramento da Confirmação. Presidiu à procissão de São Pedro, padroeiro de Adães, Barcelos, terra natal dos seus Pais.
- 29 – Celebrou o 1º aniversário de ordenação episcopal e o 29º aniversário de ordenação presbiteral, presidindo à concelebração da Missa Campal no terreiro da Igreja Paroquial de Adães, Barcelos.

## 2. Serviços Centrais

# *Conselho Arquidiocesano para Assuntos Económicos*

Tornando-se necessário prover o **CONSELHO ARQUIDIOCESANO PARA OS ASSUNTOS ECONÓMICOS**, que sob a dependência do Arcebispo Primaz é o máximo responsável pela administração patrimonial na Diocese (cân. 1277);

Considerando que deve ser constituído por fiéis notáveis pela integridade de vida e verdadeiramente peritos em assuntos económicos e em direito civil (cân. 492,§1) de modo que, como órgão consultivo, os seus ditames se revistam, por vezes, de carácter vinculante (cân. 1292, §1);

Tendo efectuado as diligências previstas em Direito e tendo em conta a importância das funções que lhe são atribuídas, nomeadamente também o encargo de preparar todos os anos o orçamento das receitas e despesas que se prevêm para a administração de toda a diocese no ano seguinte e, no fim do ano, aprovar as contas das mesmas (cân. 493);

Reconhecendo a singularidade dos tempos actuais na responsabilidade eclesial de preservar e rentabilizar todos os Bens patrimoniais que os antepassados, movidos pela fé cristã – suscitadora de muita generosidade – nos legaram e que se tornam imprescindíveis – na

consciência da carga de Bens Públicos para a comunidade –, para a prossecução dos objectivos evangelizadores da Igreja e das comunidades que a compõem;

Hei por bem nomear, para integrarem esse Conselho, os seguintes fiéis;

**Cónego Fernando Teixeira Alves Monteiro**, *Ecónomo da Arquidiocese e Administrador da Empresa Diário do Minho;*

**Dr. Fernando Silva Oliveira**, *Gestor e Administrador*

**Dr. Mário Paulo Afonso Pereira**, *Gestor*

**Dr. Ivo Renato Moreira Faria Oliveira**, *Economista*

**Dr. Rui Paulo Guedes**, *Gestor*

**Eng. Rui Manuel Canastra de Azevedo Maia**, *Engenheiro e Agente Imobiliário*

**Dr. Deolinda Maria Ferreira Marques**, *Solicitadora*

**José Maria Gomes Sousa**, *Técnico de Finanças*

**Dr. José da Costa Ferreira**, *Advogado*

Tendo presente a experiência adquirida e as exigências que a conjuntura actual levanta parece-nos conveniente constituir um **CONSELHO CONSULTIVO**, a quem se recorrerá conforme as necessidades e as competências técnicas, composto pelos seguintes membros:

**Dr. Carlos Pires da Silva**, *Economista e Professor Universitário*

**Eng. António Monteiro de Castro**, *Engenheiro e Empresário*

**Dr. Carlos Manuel Correia Vilar**, *Conservador do Registo Predial*

**Dr. Artur Armando Frederico Moreira**, *Economista*

**Dr. Manuel Lemos**, *Jurista*

**Dr. Luís Teixeira e Melo**, *Advogado e Mestre em Ciências Jurídicas e Civílicas;*

*Esta Provisão é válida para o quinquénio de 2015-2020.*

E, para constar, se outorga esta Provisão, que fica registada na Cúria Arquiepiscopal.

*Braga, 20 de maio de 2015.*

## *Decreto de extinção de ente Canónico*

Tendo sido requerida a extinção da **CASA DE ORAÇÃO ABRIGO DE JACINTA** sedeadada na Paróquia de Santa Eulália de Tenões, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga;

Atendendo a que não se vislumbram possibilidades de se poder dar continuidade às actividades e projectos a que se propunha, e tendo decorrido os trâmites exigidos, integrados no Processo N° 1760 / 2015 da Cúria Arquiepiscopal de Braga, nada obstando ao deferimento;

**D. JORGE FERREIRA DA COSTA ORTIGA**, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, no uso da sua jurisdição, de acordo com os cânones 120 § 1º e 320 § 2º e o Art.º 46 das Normas Gerais das Associações de Fiéis;

Extingue a **CASA DE ORAÇÃO ABRIGO DE JACINTA** sedeadada na Paróquia de Santa Eulália de Tenões, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga e, dando cumprimento ao estipulado nos estatutos, decreta que qualquer direito ou obrigação, bem como os bens que possam pertencer a esta entidade extinta, passem para Ordem dos Cônegos Regrantes da Santa Cruz, sita no Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga.

Para memória, se outorga o presente Decreto que vai assinado em nome da autoridade canónica competente, o Bispo Diocesano, e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O acto fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no aludido processo e na Secção dos Entes Canónicos.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 16 de junho de 2015.*

## *Decretos de aprovação de estatutos*

*O senhor D. Jorge Ortiga promulgou decretos que aprovam os estatutos de:*

**ASSOCIAÇÃO DE SÃO JOSÉ**, sita na paróquia de Santa Maria Maior e Sé Primaz, Concelho de Braga, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga.

Constam de cinquenta e três Artigos, distribuídos por seis capítulos, exarados em trinta e uma páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o selo branco da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

Para memória se outorga o presente Decreto, que vai assinado em nome da autoridade canónica competente, o Bispo Diocesano, e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O acto fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no Processo n.º 4766 / 2013 e na Secção dos Entes Canónicos.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 18 de junho de 2015.*

**CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DE SÃO PEDRO DE LOMAR**, sito na paróquia de São Pedro de Lomar, Concelho de Braga, Arciprestado de Braga e Arquidiocese de Braga.

Constam de trinta e nove Artigos, distribuídos por seis capítulos, exarados em vinte e uma páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o selo branco da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

Para memória se outorga o presente Decreto, que vai assinado em nome da autoridade canónica competente, o Bispo Diocesano, e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O acto fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no Processo n.º 1697 / 2015 e na Secção dos Entes Canónicos.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 18 de junho de 2015.*



## *Provisões a corpos gerentes*

*O senhor D. Jorge Ortiga assinou provisões que aprovam os corpos gerentes de:*

**CONFRARIA DE SÃO JOSÉ**, sita na Paróquia de São José de Ribamar, Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, Concelho de Póvoa de Varzim e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

### *MESA DA ASSEMBLEIA GERAL*

**Presidente:** Manuel Alves Aguiar Quintas

**Secretários:** António João Flores  
Alexandre Armando Fernandes Marques Meireles

### *ADMINISTRAÇÃO*

**Presidente:** António Fernando da Mata Loureiro

**Secretário:** Manuel António Ferreira Campos

**Tesoureiro:** Francisco Manuel Cadilhe Veiga Coelho

**Vogais:** Nuno Alexandre Dantas Maio Marques  
Rosa Maria Goiana Martins Areias Barbosa

### *CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** Boaventura Pinheiro Pontes

**Vogais:** Manuel João Trocado Neta Ribeiro  
João Augusto Terroso Macieira

### *ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:*

Pe Duarte Nuno Matos Rocha

Esta homologação é válida de 26 de março de 2015 até 26 de março de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 1656 / 2015.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 09 de junho de 2015.*

**IRMANDADE DO MÁRTIR SÃO VICENTE**, sita na Paróquia de São Vicente, Arciprestado de Braga, Concelho de Braga e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*MESA DA ASSEMBLEIA GERAL*

**Presidente:** Ester Silva Marques Guimarães

**Secretária:** Maria Alice Bastos Oliveira

**Secretário:** Vítor Manuel Lopes Gonçalves

*ADMINISTRAÇÃO*

**Presidente:** José Ribeiro Pinto

**Vice-Presidente:** Angelina Ribeiro Pinto

**Secretária:** Ariana Sofia Almendra de Sousa

**Tesoureira:** Maria de Fátima Marques Guimarães

**Vogal:** Francisco Melo Dias

*CONSELHO FISCAL*

**Presidente:** José Terroso Nascimento

**Vogais:** Maria do Carmo de Araújo Paiva Sampaio  
Filomena Alexandra Pereira da Costa

*ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:*

P.e João Paulo Coelho Alves

Esta homologação é válida de 06 de junho de 2015 até 06 de junho de 2018.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 1763 / 2015.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 16 de junho de 2015.*

**CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE REQUIÃO**, sito na Paróquia de São Silvestre de Requião, Arciprestado de Vila Nova de Famalicão, Concelho de Vila Nova de Famalicão e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*DIREÇÃO*

<b>Presidente:</b>	P.e Manuel Soares Magalhães
<b>Vice-Presidente:</b>	José Manuel Campos Oliveira
<b>1º Secretário:</b>	Roberto Eduardo Maia Fonseca
<b>2º Secretário:</b>	Hugo Miguel da Silva Loureiro Carvalho da Silva
<b>Tesoureiro:</b>	Pedro Emanuel Costa Rodrigues

*CONSELHO FISCAL*

<b>Presidente:</b>	Agostinho Machado Pereira
<b>Vogais:</b>	Manuel Avelino Martins Oliveira Joaquim Alves Barbosa

Conforme o Art.º 21 - C § 1º do Decreto-lei n.º 172 - A / 2014, esta homologação é válida de 02 de junho de 2015 até 02 de junho de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 1552 / 2015.

*Cúria Arquiepiscopal, 02 de junho de 2015.*

**CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE VIEIRA DO MINHO**, sito na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vieira do Minho, Arciprestado de Vieira do Minho, Concelho de Vieira do Minho e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*DIREÇÃO*

<b>Presidente:</b>	P.e Nuno Duarte Pereira Campos
<b>Vice-Presidente:</b>	Carlos Alberto Rodrigues Figueira

<b>1º Secretário:</b>	José Braga Fernandes
<b>2ª Secretária:</b>	Maria Helena Gonçalves Pereira Vieira
<b>Tesoureira:</b>	Maria da Graça Soares Veloso

*CONSELHO FISCAL*

<b>Presidente:</b>	Helena Maria Costa da Silva
<b>Vogais:</b>	Manuel Joaquim Gonçalves da Silva Augusto Alfredo Fernandes Vieira

Conforme o Art.º 21 - C § 1º do Decreto-lei n.º 172 - A / 2014, esta homologação é válida de 01 de junho de 2015 até 01 de junho de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 1553 / 2015.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 02 de junho de 2015.*

**CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DE SÃO BARTOLOMEU DO REGO**, sito na Paróquia de São Bartolomeu do Rego, Arciprestado de Fafe, Concelho de Celorico de Basto e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*DIREÇÃO*

<b>Presidente:</b>	P. António Gomes Lima
<b>Vice-Presidente:</b>	José Teixeira Alves Monteiro
<b>1ª Secretária:</b>	Graça Maria de Oliveira Gonçalves
<b>2º Secretário:</b>	António da Mota da Cunha Nunes
<b>Tesoureiro:</b>	José Alcídio Teixeira Lopes de Carvalho

*CONSELHO FISCAL*

<b>Presidente:</b>	Cón. Fernando Teixeira Alves Monteiro
<b>Vogais:</b>	Isabel da Conceição Silva Magalhães Matos Maria Fernanda Alves Pires

Conforme o Art.º 21 - C § 1º do Decreto-lei n.º 172 - A / 2014, esta homologação é válida de 04 de junho de 2015 até 04 de junho de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 1571 / 2015.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 04 de junho de 2015.*

**CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DE CELEIRÓS**, sito na Paróquia de São Lourenço de Celeirós, Arciprestado de Braga, Concelho de Braga e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*DIREÇÃO*

<b>Presidente:</b>	P.º Fernando da Conceição Apolinário Marques
<b>Vice-Presidente:</b>	Manuel Gomes Marques
<b>1º Secretário:</b>	Manuel Jorge Fernandes Costa
<b>2ª Secretária:</b>	Maria Celeste Pinto Ferreira
<b>Tesoureiro:</b>	João Pinto Ferreira

*CONSELHO FISCAL*

<b>Presidente:</b>	Ana Maria Oliveira Ferreira
<b>Vogais:</b>	Sandra Cristina Oliveira Moreira Ferreira António Passos da Cunha

Conforme o Art.º 21 - C § 1º do Decreto-lei n.º 172 - A / 2014, esta homologação é válida de 04 de junho de 2015 até 04 de junho de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 1574 / 2015.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 04 de junho de 2015.*

**CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE GILMONDE**, sito na Paróquia de Santa Maria de Gilmonde, Arciprestado de Barcelos, Concelho de Barcelos e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

*DIREÇÃO*

<b>Presidente:</b>	P. <sup>o</sup> José Valentim Pereira Vilar
<b>Vice-Presidente:</b>	Fernando Silva Vilas Boas
<b>1<sup>a</sup> Secretária:</b>	Mónica Alexandra Carvalho de Oliveira
<b>2<sup>o</sup> Secretário:</b>	Paulo Miguel Silva Faria
<b>Tesoureiro:</b>	Luís Gomes Loureiro

*CONSELHO FISCAL*

<b>Presidente:</b>	Domingos da Silva Faria
<b>Vogais:</b>	Mário Campos Seara Nelson Luís Gonçalves da Quinta

Conforme o Art.º 21 - C § 1º do Decreto-lei n.º 172 - A / 2014, esta homologação é válida de 16 de junho de 2015 até 16 de junho de 2019.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 1759 / 2015.

*Braga, Cúria Arquiepiscopal, 16 de junho de 2015.*

## *Missão em Pemba*

O Centro Missionário Arquidiocesano de Braga anunciou em 08 de junho a preparação de uma equipa de missionários voluntários para trabalharem na diocese de Pemba (Moçambique), no âmbito do acordo de cooperação missionária assinado em outubro de 2014. Pretende-se que em 2016 a diocese de Braga assuma a paróquia 552 da diocese de Pemba.

O território de Pemba é 29 vezes maior do que o de Braga e tem quase o dobro de habitantes (cerca de um milhão e setecentos e cinquenta mil). A diocese tem 16 sacerdotes para uma população de 316.996 católicos.

A cooperação de Braga com Pemba principiou em 2003, quando ali trabalharam os padres João Torres e Jorge Vilaça, recém-ordenados.

### 3. Programa Pastoral

## *Notícias diversas*

**A imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima** esteve na Arquidiocese entre 31 de maio e 14 de junho, tendo passado pelos catorze arceprestados.

**Uma peregrinação ao Sameiro** realizou-se em 07 de junho, com saída da Sé de Braga às 07h00.

Na quinta-feira anterior, dia 04, a imagem da Senhora do Sameiro foi trazida, ao fim da tarde, para a igreja de Santa Cruz, onde houve um momento de oração e fez uma alocução o Cónego José Paulo Abreu. Seguiu-se uma procissão de velas desde a Igreja de Santa Cruz até à Catedral.

**Uma peregrinação ao santuário de Nossa Senhora do Facho**, na paróquia de Oliveira, arceprestado de Barcelos, realizou-se em 07 de junho.

**Uma peregrinação em honra de Nossa Senhora da Fé**, no arceprestado de Vieira do Minho, realizou-se em 07 de junho.

O cortejo saiu de junto da igreja de Vieira até ao Monte de Santa Cecília, onde o arcepreste, P. Alcino Xavier, presidiu à celebração da Missa.



A peregrinação à Senhora da Fé realiza-se desde 1968. Começou por iniciativa do falecido P. José da Mota, quando era pároco de Cantelães.

**Uma peregrinação do arciprestado de Terras de Bouro** ao santuário do Bom Jesus das Mós, na paróquia de Carvalheira, realizou-se em 14 de junho.

Aquele santuário, em honra do Sagrado Coração de Jesus, foi construído entre 1902 e 1912.

**A solenidade do Corpo de Deus** foi celebrada em 07 de junho. Após a Missa, na Sé, a que presidiu o senhor Arcebispo Primaz, organizou-se uma procissão que desceu a Rua D. Paio Mendes, subiu a rua D. Frei Caetano Brandão e contornou a Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva. No Largo de S. Paulo foi dada a Bênção do Santíssimo Sacramento.

**Congresso em S. Bento.** A segunda fase do Congresso «S. Bento Patrono da Europa» realiza-se em S. Bento da Porta Aberta nos dias 10 e 11 de julho. Estão previstas intervenções de Carlos Aguiar Gomes, António Afonso e José Paulo Abreu.

**O arciprestado de Barcelos** celebrou o Dia da Família em 28 de junho, na Franqueira.

**Catequistas do arciprestado de Vila Nova de Famalicão** reuniram em 22 de junho para avaliarem o trabalho realizado ao longo deste ano pastoral e programarem o próximo.

O ano pastoral 2015/2016 tem como objetivo «consciencializar para o discipulado» e pretende alertar para o cariz missionário da vocação do catequista.

**O Seminário de Nossa Senhora da Conceição** programou para 26 de setembro o «Dia do Antigo Aluno».

**As visitas pastorais ao arciprestado de Celorico de Basto** terminaram em 28 de junho. O senhor D. Jorge Ortiga presidiu em Ribas à celebração da Eucaristia.

Aquele arciprestado tem as paróquias de Agilde, Arnoia, Basto Santa Tecla, Basto S. Clemente, Borba da Montanha, Britelo, Caçarilhe, Canedo, Carvalho, Codeçoso, Corgo, Fervença, Gagos, Gémeos, Infesta, Molaes, Moreira do Castelo, Ourilhe, Ribas, Vale de Bouro, Veade.

**O II encontro arciprestal de liturgia de Fafe** realizou-se em 28 de junho na igreja do Sagrado Coração de Jesus.

O programa incluiu uma conferência de Félix Lungu sobre como celebram e vivem a Fé os cristãos perseguidos e momentos de formação específica para leitores, acólitos, cantores, sacristães, zeladores/as e ministros extraordinários da Comunhão, em recondução.

## *Agenda para agosto*

- 01-22 : Missão em Moçambique - Jovens em Caminhada (JOEMCA).
- 02 : Peregrinação ao santuário de Nossa Senhora do Socorro, em Areias de Vilar.
- 07-18 : Peregrinação a Taizé (DAPJ).
- 15 : Peregrinação ao santuário de Nossa Senhora da Aparecida, em Balugães.
- 23 : Peregrinação ao Sameiro.
- 28 : Aniversário da Dedicção da Igreja Catedral.
- 28 e 30 : Peregrinação ao santuário de Nossa Senhora das Neves, em Aboim/Várzea Cova.

- 29 : Passeio anual de convívio do clero e catequistas do Arciprestado de Vieira do Minho.
- 30 : Peregrinação a Balasar (Liga Eucarística).

## 4. Clero e Seminários

### *Notícias diversas*

**Um retiro para o clero** realizou-se de 22 a 26 de junho no Hotel João Paulo II (ex-Centro Apostólico do Sameiro). Foi orientado por Frei Luís Oliveira e participaram dezassete sacerdotes. No fim foi prestada homenagem aos sacerdotes que este ano celebram Bodas de Ouro ou Bodas de Prata sacerdotais.

**O Cónego Roberto Rosmaninho Mariz** defendeu tese de doutoramento em Estudos de Religião em 15 de junho na Aula Magna da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa. Apresentou o trabalho «O rosto social da religião: as motivações religiosas das organizações sócio-caritativas católicas».

**O P. Paulo Sérgio** publicou o livro «Não me venhas falar de amor – Olha o que o amor te faz». Foi apresentado em 21 de junho na igreja de S. José de Ribamar, Póvoa de Varzim.

**Dezanove sacerdotes do arciprestado de Barcelos** foram em passeio/convívio a Leon e Covadonga.

**Uma exposição denominada «Percursos»** esteve patente no Seminário de Nossa Senhora Conceição entre 10 e 30 de junho. Constituída por trabalhos de fotografia, pintura e escultura, da autoria do ex-seminarista Salgado de Almeida, inseriu-se no âmbito das comemorações do 90.º aniversário daquele Seminário.

**Sete jovens participaram no estágio de admissão ao Seminário Menor**, depois de, ao longo do ano, terem participado em diversas atividades de Pré-Seminário. Procedem dos arcepresbiterados de Barcelos, Vieira do Minho, Vila Nova de Famalicão e Vila Verde.

**O P. Arménio Vaz Monteiro** faleceu em 22 de junho, com 84 anos de idade. O funeral realizou-se em Estorãos, no arcepresbiterado de Fafe.

Arménio Vaz Monteiro nasceu em Quimadela, naquele arcepresbiterado, em 08 de março de 1931. Frequentou os Seminários de Braga e foi ordenado sacerdote em 14 de julho de 1957.

Iniciou o ministério sacerdotal como pároco de S. Miguel do Monte, no mesmo arcepresbiterado. Em 1964 foi nomeado pároco de Divino Salvador de Pinheiro e S. Faustino, no arcepresbiterado de Guimarães e Vizela. Em 1989 foi também nomeado pároco de Santa Maria de Gémeos, em acumulação com aquelas duas paróquias. Em 2010 foi dispensado do serviço das paróquias, por razões de idade e de saúde.

## 5. Religiosos/as

### *Bodas de Diamante de Religiosa Teresiana*

Glória da Conceição da Silva, da Companhia de Santa Teresa de Jesus, celebrou em 21 de junho, na residência da Rua Elísio de Moura, em Braga, as Bodas de Diamante de Vida Consagrada.

Glória da Conceição Silva (em religião, Glória da Conceição de Jesus Crucificado Silva) nasceu em Fonte Arcada, arceprestado da Póvoa de Lanhoso, em 31 de agosto de 1916.

Filha de Clemente da Silva e de Helena Maria de Jesus, pertence a uma família de nove irmãos.

Entrou no Pré-Noviciado da Companhia de Santa Teresa, em Braga, em 14 de outubro de 1939. Entrou no Noviciado, também em Braga, em 09 de maio de 1940. Em 16 de julho de 1942, ainda em Braga, fez os primeiros votos. Os votos perpétuos fê-los também em Braga em 16 de julho de 1945.

Na Companhia de Santa Teresa de Jesus esteve ao serviço da missão nas casas de Coimbra, Santo Tirso, Lisboa (Andrade Caminha e D.<sup>a</sup> Estefânia), Lourinhã, Porto e Almendra. Foi cozinheira, roupeira, catequista e ministra extraordinária da Comunhão. Com a Madre Maria de Jesus foi fundadora da primeira casa de Lisboa (em Conde Vale Mor).

A propósito das Bodas de Diamante disse: «São 75 anos de Vida Consagrada, de entrega a Deus através da Companhia de Santa Teresa de Jesus.

Sou Teresiana porque, um dia, senti o mesmo que Teresa de Ávila: *Vossa sou, para vós nasci, que quereis, Senhor, de mim?*

Na minha família fui descobrindo e sentindo que poderia expandir mais a minha generosidade e a minha alegria, seguindo Jesus na Vida Consagrada.

Tenho-me sentido tão feliz ao longo destes 75 anos!»

### **Educar com o amor pedagógico de Jesus**

A Companhia de Santa Teresa de Jesus nasceu em 23 de junho de 1876, em Tarragona, Espanha, por iniciativa de Santo Henrique de Ossó. Nesse dia, festa do Coração de Jesus, foram admitidas as oito primeiras Irmãs. Tinha sido idealizada em Tortosa em 02 de abril de 1876.

As Religiosas que a integram procuram viver o lema «tudo por Jesus», através de uma espiritualidade cristocêntrica, eclesial e mariana.

Foi vontade do Fundador consagrar o novo Instituto ao ensino principalmente da juventude feminina, procurando as Religiosas, além da santificação própria, levar para Deus, por uma sólida educação cristã, as almas juvenis que lhes são confiadas.

Esta obra deu origem a grupos de jovens e crianças, como o «MTA» (Movimento Teresiano de Apostolado que inclui os “Amigos de Jesus»)

O XVI Capítulo Geral, realizado em Roma de 01 a 30 de setembro de 2011, em que participaram 64 Irmãs da Europa, da África, da América e da Ásia, concluiu: «o Espírito urge-nos a ampliar os nossos horizontes, a mudar a mente e o coração, abrindo-nos à confiança, ao acolhimento e a colaborar com quem trabalha por uma humanidade nova; a viver em união e concórdia e a colocarmo-nos ao lado da humanidade sofredora como sinal profético do Reino e como meio de promover os interesses de Jesus; a viver a nossa vocação de conhecer e amar a Jesus e fazê-lo

conhecido e amado com o nosso modo específico de evangelizar: ser educadoras com o amor pedagógico de Jesus, que alivia todo o sofrimento, que cura e dignifica todo o ser humano».

### **Presença em Braga**

Portugal foi, por intermédio do P. Lourenço Gonçalves, a primeira nação estrangeira a solicitar a vinda das Filhas de Santa Teresa de Jesus.

Chegaram em 20 de maio de 1882 e estabeleceram-se na Fraga, numa antiga casa de Franciscanos. As dificuldades de comunicação e a distância dos grandes centros obrigaram a transferir esta casa para Santo Tirso, onde tomou grande incremento.

Em setembro de 1936 as Teresianas fundaram em Braga o Noviciado de Cristo-Rei. Tendo-se instalado, a princípio, na Rua do Raio n.º 2, onde funcionou depois a Casa de Saúde de S. Lázaro, mudou em janeiro de 1938 para a Quinta de Santa Tecla.

Presentemente a Companhia de Santa Teresa possui na cidade de Braga o Colégio Teresiano, na Rua do Taxa, a Residência Teresiana, na Rua Elísio de Moura, e uma pequena Comunidade na Rua Guilherme Braga da Cruz.

## *Notícias diversas*

**O P. José da Silva Correia**, da Comunidade Franciscana de Montariol, faleceu em 13 de junho.

Natural de Gondufe, arceprelado de Ponte de Lima, tinha 93 anos.

**Uma romagem ao túmulo de Frei Bernardo de Vasconcelos**, na igreja de S. Romão do Corgo, Celorico de Basto, realizou-se em 04 de julho.



## 6. Património

### *Notícias diversas*

**O santuário do Bom Jesus do Monte foi elevado pela Santa Sé à categoria de basílica menor.** A decisão foi tomada pela Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, por decreto datado de 19 de abril de 2015, que entra em vigor a partir de 05 de julho. É considerada como contributo dado pela Santa Sé à candidatura do Bom Jesus a património da humanidade.

O atual templo foi concluído em 1811, substituindo um mais antigo do tempo de D. Rodrigo de Moura Teles. Todavia, já em 1373 existia ali uma ermida dedicada à Santa Cruz

Na arquidiocese de Braga já são basílicas: a catedral e a igreja do Congregados, em Braga; os santuários do Sameiro e de S. Bento da Porta Aberta; a igreja de S. Pedro do Toural, em Guimarães, e a igreja do Sagrado Coração de Jesus, na Póvoa de Varzim.

**Jardim Bíblico.** O senhor D. Jorge Ortega manifestou em 19 de junho o desejo de que no Bom Jesus do Monte seja criada uma espécie de jardim bíblico, com árvores, plantas e flores referenciadas na Sagrada Escritura.

**Dois livros sobre a Sé** foram apresentados na Catedral em 06 de junho: «Guia da Sé de Braga», com texto de Eduardo Pires de Oliveira e fotos de Libório Silva; «Sé de Braga – Nove Séculos de História», da autoria de Libório Silva.

**«Uma metáfora da eternidade: a capela Árvore da Vida»**, do Seminário Conciliar de Braga, foi o tema de uma conferência proferida em 05 de junho pelo Cónego Joaquim Félix de Carvalho, no 13.º congresso litúrgico internacional «Arquiteturas de luz – arte, espaço, liturgia», que se realizou em Itália entre os dias 04 e 06.

**«Bom Jesus: vozes e contributos à candidatura a património mundial»** foi o tema de uma conferência internacional realizada no Bom Jesus do Monte em 26 e 27 de junho.

**Basílica de S. Pedro do Tournal.** A Irmandade do Príncipe dos Apóstolos S. Pedro iniciou em 28 de junho as comemorações do 400.º aniversário da Basílica de S. Pedro do Tournal, em Guimaraes. O programa incluiu a inauguração e bênção de uma capela dedicada a S. Pedro, no átrio do templo.

As comemorações prolongam-se durante um ano.

A Igreja de S. Pedro do Tournal recebeu o título de basílica por Breve do Papa Bento XIV, em 1751.

## 7. Educação da Fé

### *Notícias diversas*

**O Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa** criou a Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, cuja direção tomou posse em 05 de junho.

A nova Faculdade resulta da fusão da Faculdade de Filosofia, criada em 1947, com a Faculdade de Ciências Siciais, criada em 2001.

João Duque foi reconduzido na presidência do Centro Regional para um mandato de mais quatro anos.

O diretor da nova Faculdade de Filosofia e de Ciências Sociais é Miguel Gonçalves.

**O encerramento do ano letivo** na Universidade Católica em Braga foi assinalado com a celebração da Eucaristia na capela da Faculdade de Teologia, na Rua de Santa Margarida, em 11 de junho.

**«Sinodo/2015: a vocação e missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo»** foi o tema de uma tertúlia/debate realizada em 27 de junho no Centro Espírito Santo e Missão (antigo Seminário da Silva), no arciprestado de Barcelos.

**Uma celebração interparoquial do Crisma**, presidida pelo senhor D. Francisco Senra, realizou-se em 27 de junho na igreja paroquial de Joane, no arciprestado de Vila Nova de Famalicão.

Foram confirmados fiéis leigos das paróquias de Castelões (20), Joane (51), Mogege (6); Pousada de Saramagos (16), Ruivães (12) e Vermoim (1).

## 8. Apostolado dos Leigos

### *Legião de Maria*

*Conclusões de um congresso do Comitium de Braga da Legião de Maria.*

Depois de uma longa caminhada de alguns meses de estudo, chegou a bom porto o Congresso da Legião de Maria.

O nosso primeiro gesto é um agradecimento profundo ao Senhor que, pela mediação da Sua e nossa Mãe, Rainha da Legião, nos deu forças para percorrer este caminho e nos brindou com a alegria deste convívio fraterno.

Todavia, o Congresso não acabou; vai começar hoje mesmo. Um tão longo estudo não se justificava se não nos esforçássemos por levar à prática da vida legionária estas conclusões, deixando-nos guiar pelo Espírito Santo.

Depois de tudo isto, a Legião de Maria do Comitium de Braga vai ser diferente: no conhecimento do meio em que trabalha apostolicamente; na escolha das medidas pastorais a praticar; e nas iniciativas apostólicas, sempre de acordo com os Pastores que o Senhor pôs à frente das nossas comunidades.

Sabemos que tudo o que fizermos é insignificante para a transformação do mundo, tão afastado, por vezes, dos desígnios de Deus.

Mas Ele não nos pede mais nada senão encher as talhas de água, como em Caná da Galileia. Transformá-la em vinho delicioso já não nos pertence. Será o milagre pelo qual Se nos revela.

O Senhor pede-nos os cinco pães e dois peixe, quer dizer, tudo o que temos e podemos fazer. Bem sabemos que Ele, com uma só palavra, poderia criar do nada o bom vinho e todos os pães e peixes em quantidade suficiente para alimentar a multidão.

Mas, por Amor, quer dar-nos a alegria de participarmos, na medida da nossa pequenez, na transformação do mundo, mimando-nos, depois, com uma recompensa eterna.

A partir das magníficas participações aqui ouvidas, chegamos às seguintes conclusões:

## **1. Conhecimento do meio**

**a)** O trabalho legionário, feito de porta em porta é uma ocasião que o Senhor nos oferece para conhecermos o mundo real em que nos movemos.

**b)** Neste olhar de Maria sobre o mundo com os nossos olhos parece-nos descobrir riquezas e carências.

Em primeiro lugar, a família com os seus muitos problemas. Dois males caíram sobre ela: a ignorância religiosa, de tal modo que, em muitos casos, a família já não transmite os valores da fé, nem vive as suas exigências.

A família perdeu o hábito de rezar em comum. E na vida particular, as pessoas também não rezam.

**c)** As diversas manifestações de religiosidade popular — boas em si — podem criar-nos a ilusão de que as pessoas são verdadeiramente católicas.

Mas é na vida real, quando se torna necessário viver as consequências da fé, que o verdadeiro mal aparece.

Algumas perguntas ajudam-nos a situarmo-nos na realidade pastoral: Como é preparado o casamento dos nossos jovens?

Que formação doutrinal recebem para os problemas próprios do seu estado? Requerem-se muitos anos para receber o Sacramento da Ordem; vários, para um curso universitário que proporcione o exercício de uma profissão... quantos dias de preparação para o Sacramento do Matrimónio?

De que tempo dispõem os casais para darem atenção aos filhos e formá-los pelo método de mestre e aprendiz?

**d)** Nota-se uma grande dificuldade em levar as pessoas a compromissos duradouros na vida e em obras de apostolado. “Compromissos, não!”, é a frase que mais vezes se ouve, quando queremos chamar mais membros activos para os nossos praesidia.

Esta mesma negação a comprometer-se via aparecer também nos compromissos matrimoniais e familiares.

## **2. Medidas a sugerir para a acção pastoral**

Visto que a ignorância religiosa alastra e cresce, é necessário pensar na formação das pessoas a todos os níveis, a começar desde a a infância.

**a)** Devemos, como membros activos da Legião de Maria, dar prioridade ao ensino da catequese de todas as idades: crianças, jovens e adultos.

**b)** Nota-se rotina e desencanto e abandono nas nossas celebrações dominicais e ainda mais nas semanais. E, no entanto, o encontro semanal e, se possível, diário, é indispensável para crescer como discípulo de Cristo. Sentimos a necessidade de viver e ajudar a viver este encontro com Jesus Cristo.

c) Os retiros e encontros de formação devem ser incrementados, com temas actuais e que possam acolher o maior número possível de pessoas.

### 3. Iniciativas

a) Sugerimos uma atenção especial à rotina que se introduz facilmente nos nossos *præsidia*. É preciso combatê-la, desalojando as falsas desculpas para faltar À reunião ou trabalho, ou fazê-lo desleixadamente e sem sentido de responsabilidade eclesial, porque a má rotina é a morte do amor.

b) A experiência feita com os grupos de Patrícios, numa determinada época, mostrou que eram meios de formação aceites. Sugere-se recomençar com eles.

É preciso recriá-los que deram uma prova tão boa de formação dos leigos. Cada *præsidium* deverá pensar seriamente em organizar um grupo na paróquia.

c) Deve procurar-se um maior empenhamento dos membros activos da Legião de Maria na catequese da infância e adolescência.

d) Os *præsidia juvenis* são meios eficazes para formar os nossos irmãos mais novos no espírito de iniciativa. Devem ser chamados a tomar parte neles antes que os jovens comecem a fazer a descoberta do grupo. Depois de terem o seu, não aceitam outro em que os queremos inserir.

e) Julgamos necessário cuidar bem as nossas celebrações litúrgicas, no canto, nos leitores e acólitos, no acolhimento, em grupos juvenis que cuidem das crianças enquanto os pais participam na Missa dominical.



**f)** A devoção a Nossa Senhora, também com as suas manifestações comunitárias, é um bom meio para reanimar as pessoas e ajudá-las a recomeçar a vida cristã. Basta reparar no impacto que têm na vida das pessoas as idas a Fátima e a celebração do mês de Maio.

**g)** A expansão da Legião de Maria aparece-nos como uma urgência, nas duas dimensões:

recrutamento de novos membros — sublinhamos novos! — e fundação de novos *præsidia*, com uma atenção à idade das pessoas que se convidam.

Desejamos colocar aos pés de Nossa Senhora, como um ramo de humildes violetas que mal se vêem mas fazem sentir a sua presença pelo seu perfume, as nossas conclusões.

Pedimos-lhe confiadamente que as tome nas suas mãos, as guarde no seu Coração Imaculado e nos ajude a cumpri-las.

*Braga, 24 de Maio de 2015.*

*O Director Espiritual do Comitium de Braga*

## *Notícias diversas*

**A Irmandade de Nossa Senhora da Lapinha**, no arce-pretado de Guimarães e Vizela, promoveu em 14 de junho, no Pavilhão Multiusos de Guimarães, um concerto solidário cuja receita reverteu para o apoio a comunidades cristãs perseguidas no mundo.

No dia 21 organizou a Ronda da Lapinha, que contou com a presença do presidente da Conferência Episcopal do Paquistão e arcebispo de Carachi, D. Joseph Coutts.

Com esta iniciativa pretendeu afirmar publicamente a solidariedade material e espiritual para com os cristãos perseguidos.

**O Conselho Arquidiocesano do CPM** – Centro de Preparação para o Matrimónio reuniu em 20 de junho nos Serviços Centrais da Arquidiocese.

É assistente diocesano o P. Armindo Patrão Abreu. Sucedeu ao falecido P. José Miguel Torres Pereira, que foi particularmente recordado.

**O Agrupamento n.º 810 do Corpo Nacional de Escutas (CNE) Divino Salvador de Nogueiró**, no arciprestado de Braga, iniciou em 09 de junho as comemorações do 30.º aniversário. No dia 14, durante a celebração da Eucaristia, fizeram a promessa novos elementos.

Associaram-se à festa os agrupamentos de S.Vítor, Gualtar, Este S. Mamede, Lamações, Fraião, Pedralva, Este S. Pedro, Moimenta, Gondizalves, e uma representação da Associação Escoteiros de Portugal.

**No Agrupamento n.º 810 do Corpo Nacional de Escutas (CNE) de S. Vicente**, Braga, fizeram em 14 de junho a promessa cinco exploradores, três pioneiros e dois caminheiros.

No dia 28 a 2.ª Secção daquele Agrupamento participou no Acampamento de Núcleo para exploradores, em Montariol, sob o tema dos «Romanos».

Nos dias 11 e 12 de julho realiza o seu Acampamento de Agrupamento (Acagrup), com todas as secções, no Parque de Campismo de Aboim da Nóbrega, no concelho de Vila Verde.

**450 exploradores** do Núcleo de Braga do Corpo Nacional de Escutas (CNE) acamparam na mata de Montariol entre 26 e 28 de junho.

**O Agrupamento 219** do Corpo Nacional de Escutas (CNE), de Gualtar, Braga, promoveu em 27 de junho uma tertúlia durante a qual foram recordados momentos significativos da vida daquele Agrupamento, que está a celebrar 50 anos de existência.

## 9. Pastoral Social

### *Notícias diversas*

**Educação e autonomia com crianças e jovens: práticas e desafios** foi o tema de um encontro realizado em 02 de junho no Auditório Vita, em Braga, organizado pelo Colégio de S. Caetano, pelo Instituto Monsenhor Airosa, pelo Instituto Juvenil Maria Imaculada, pelo Lar D. Pedro V e pela Oficina de S. José.

Teve como objetivo a partilha de experiências quanto à educação de crianças e jovens acolhidos em lares de infância e juventude e em centros de acolhimento temporário.

Os participantes refletiram também sobre os desafios que se colocam nestas situações e sobre a importância da autonomia para o desenvolvimento das crianças.

**O Centro de Acolhimento «O Poverello»**, situado em Montariol, inaugurou em 21 de junho a «Sala Isabel Levy». Tem como objetivo disponibilizar aos familiares que são cuidadores de doentes que recebem cuidados paliativos apoio psicológico e logístico durante o período de internamento. Pretende ser um espaço onde as famílias possam ser famílias, ainda que em ambiente hospitalar.

**Pão de Santo António.** Diversas comunidades procederam em 13 de junho à distribuição do «Pão de Santo António». É uma

tradição que vem de há 120 anos quando Frei João da Santíssima Trindade, do Convento Franciscano de Montariol, assinalou os 700 anos do nascimento de Santo António com uma distribuição de pão na Igreja dos Terceiros, em Braga.

**O Centro Juvenil de S. José**, de Guimarães, celebrou em 13 de junho o 100.º aniversário.

Teve origem na Oficina de S. José, fundada em 1915 pelo P. Domingos da Silva Gonçalves, que veio a ser Bispo da Guarda. Encontra-se desde 1918 instalado no antigo Convento das Capuchinhas.

Hoje, com o nome de Centro Juvenil de S. José, funciona em estreita colaboração com a Segurança Social e com instituições como a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em risco.

**O Centro Paroquial de Moreira de Cónegos**, no arcepriado de Guimarães e Vizela, celebrou em 17 de junho com o Centro Distrital de Braga da Segurança Social um protocolo no âmbito da Rede Solidária de Cantinas Sociais.

Passa a servir diariamente cem refeições a pessoas carenciadas, prioritariamente de Moreira de Cónegos, Lordelo, Conde, Gandra e Serzedelo.

As refeições são confeccionadas naquele Centro Paroquial.

**O Centro Social de S. Martinho de Silvaes**, no arcipresbiterado de Fafe, inaugurou em 21 de junho um novo lar residencial para idosos.

Ocupa uma área de 6.000 metros quadrados de terreno, doados por uma família da freguesia, e representa um investimento de 1,5 milhões de euros. Tem capacidade para acolher 46 utentes.

Foi benzido pelo senhor D. Jorge Ortiga, que informou ter a Arquidiocese quase três centenas de respostas sociais espalhadas pelas diversas paróquias.

**O Centro Social Paroquial de Sobreposta**, no arceprelado de Braga, que abrange, além daquela, as freguesias de Espinho e Pedralva, inaugurou em 19 de junho, oficialmente, a creche.

Instalada na antiga Escola Primária da Costa, em Espinho, já funciona desde outubro do ano passado.

Aquele Centro Social já possuía as valências de lar de idosos, centro de dia, apoio domiciliário e ATL (atividades para tempos livres).

**O Centro Social Paroquial de Ronfe**, no arceprelado de Guimarães e Vizela, inaugurou em 27 de junho um novo edifício.

Fundado em abril de 1974, aquele Centro iniciou formalmente as suas atividades em 1980.

Atualmente conta com 58 funcionários e serve centenas de pessoas nas oito valências que possui.

**O Centro Social da Paróquia de Polvoreira**, no arceprelado de Guimarães e Vizela, tem as valências de: Atividades de Tempo Livre (ATL) com capacidade para cem crianças; Creche, para 66; Jardim de Infância, para 25; Centro de Dia, para 20 utentes; Apoio Domiciliário, para 35. Tem ainda um Centro de Formação Profissional/Aprendizagem Modular e um Gabinete de Atendimento e Acompanhamento (RSI). Projeta construir uma Unidade Residencial de Cuidados Continuados Integrados em Saúde Mental.

## 10. Memória

### *Diogo de Murça*

*D. Diogo de Murça: figura de nível europeu, une Basto, Guimarães e Coimbra.*

O abade Diogo de Murça — figura de relevo europeu e nacional do séc. XVI — constitui a nova ponte que pode unir Guimarães, Cabeceiras de Basto e Coimbra, numa plataforma cultural de elevado interesse económico e social.

Criando estudos superiores em Basto e em Guimarães, no séc. XVI, Diogo de Murça foi o grande impulsionador da primeira Universidade portuguesa, a de Coimbra.

Esta é uma das principais conclusões do Seminário internacional sobre a “Ordem beneditina, o papel dos mosteiros e o património da UNESCO” que congregou várias dezenas de pessoas em Cabeceiras durante dois dias.

A sugestão de união entre as três localidades portuguesas foi apresentada por António Magalhães, ex-presidente da Câmara Municipal de Guimarães. O autarca falava no debate após as intervenções dos historiadores Cónego José Marques e Pedro Tavares, que marcou o primeiro dia dos trabalhos, com moderação do jornalista Costa Guimarães. Para o autarca, Diogo de Murça pode inspirar um roteiro cultural, histórico e social de grande relevo para Cabeceiras, Guimarães e Coimbra.

O Seminário Internacional teve como coroa de glória a criação do Centro da Unesco na Casa do tempo, em Cabeceiras de Basto, na tarde de sexta-feira (dia 12 de junho).

O investigador Pedro Tavares desafiou a Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto a reaver – pelo menos – réplicas dos três retratos de Diogo de Murça existentes na Universidade de Coimbra, para enriquecer o seu património e devolver a importância que este abade teve na história de Cabeceiras de Basto.

Neste encontro de especialistas de vários países, o património foi afirmado como “valioso instrumento de desenvolvimento social, cultural e económico” pelo presidente do município cabeceirenses. Francisco Alves prometeu tudo fazer para que S. Miguel de Refojos de Basto seja o património da UNESCO, uma vez que o “mosteiro é uma força motriz das terras de Basto e é uma marca da nossa identidade”.

O encontro destacou o “papel pioneiro na saúde, deste Mosteiro que foi um centro de saber, de oração, de trabalho e de vida”.

Por sua vez, o Director Regional de Cultura do Norte sustentou que o “património está a ser redescoberto enquanto instrumento ao serviço da economia e do progresso” atendendo sobretudo “às mais valias económicas perspectivadas pelo turismo”.

Para António Ponte, o património assume-se hoje como “factor de coesão social e sentido de comunidade” e propôs uma estratégia de três R’s para o sector: “recuperar, renovar e renascer”.

O historiador e medievalista José Marques traçou um quadro da evolução dos Mosteiros em Portugal, desde o século XII até ao século XVI, anotando as crises sucessivas registadas desde a chegada dos beneditinos em 1071 que “deram nova vida” aos mosteiros frutuosianos ou visigóticos que foram “sustentáculos de Fé nestas regiões”.

A maioria destes mosteiros autóctones adoptaram, no séc. XII a regra beneditina, até porque “”não há notícia da fundação de nenhum mosteiro beneditino de raiz”.



A maioria dos mosteiros existia no Minho e sofre as consequências da fome e das pestes no séc. XIV, com diminuição do número de monges e alguns ficaram mesmo “ermos”, no tempo do arcebispo D. Gonçalo Pereira (1333), situação que se repetiu em 1389, com a fome e a guerra. No tempo de D. Fernando da Guerra, os 26 mosteiros existentes na Diocese de Braga (Minho e Trás-os-Montes) ficaram reduzidos a treze. Eram tempos difíceis para os mosteiros dependentes de algumas famílias poderosas, como lamenta o guerreiro de Aljubarrota e arcebispo de Braga, D. Lourenço Vicente.

Nesta época, dos abades vitalícios, as dificuldades eram tão graves que muitos abades entregaram os mosteiros à guarda do Arcebispo por falta de meios e de monges. Por esta altura, o Mosteiro de Refojos de Basto possuía dez religiosos, mas não resistiu às crises, até que surge D. Diogo de Murça, um abade comendatário, que faz de S. Miguel um mosteiro prestigiado a nível nacional, conforme destacou o investigador Pedro Vilas Boas Tavares.

### **Homem doutíssimo, de vida integérrima e exímio teólogo**

Diogo Guedes (ou Pinto) nasceu em Murça, em fins do séc. XV. Desde menino e moço sentiu vocação para a vida religiosa, ingressando no Mosteiro de Penha Longa, da Ordem de S. Jerónimo. Professou em 1513, passando a chamar se Diogo de Murça. Estudou em Salamanca, Paris e Lovaina, aí se doutorando, em Teologia, em 1533. Nesse ano, João Driedo, docente de Lovaina, escreve ao rei D. João III de Portugal, garantindo que Frei Diogo de Murça era um “homem doutíssimo, de vida integérrima e exímio teólogo”.

No regresso foi colocado no Convento de Penha Longa, onde, em 1535 organizou um colégio para formação dos seus confrades. Nele introduziu o método do ensino adotado em Lovaina. Em 1537 o colégio transferiu se para o Mosteiro de Santa Marinha da Costa, em Guimarães. Eram seus professores humanistas formados

no estrangeiro. Ali eram ministrados os cursos de Teologia e Artes e a disciplina de Gramática. Em 1542 estudavam na Costa mais de cem alunos. D. Duarte, filho bastardo de D. João III, estudou ali, bem como D. António (Prior do Crato), filho do Infante D. Luís.

Entre 1537 e 1543 o Colégio da Costa foi financiado pelas rendas do Mosteiro de Refojos de Basto. Em 1543, Frei Digo de Murça era nomeado Reitor da Universidade de Coimbra. De Guimarães para Coimbra saíram alunos e professores da Costa, e as rendas de Refojos de Basto sustentavam a Universidade.

Frei Diogo de Murça estudou em Salamanca, Paris e Lovaina onde conhece Damião de Góis. Foi durante a passagem pelo estrangeiro que se familiarizou com o culto a S. Nicolau. Nas universidades de Salamanca e Paris este culto estava previsto nos estatutos. Em Portugal, desde 1506, é sabido que a festa a S. Nicolau fazia parte dos ritos universitários.

Apesar dos estatutos da Costa serem omissos no que diz respeito a S. Nicolau, na vida de Frei Diogo de Murça, a “Relação Secreta” (relativa a guerras na ordem beneditina) de 1588 diz que fora “dissolvido” um “bando” de monges que se apelidavam de “nicolaístas”. Este “bando” sediado em Refojos e em Coimbra, devia o nome ao facto de Frei Diogo de Murça ter dado o “*hábito a alguns estudantes pobres que tinham por costume pedir esmola por amor de São Nicolau*”. O “bando” rival dos “nicolaístas” era o dos “martinetes” (por ter origem em S. Martinho de Tibães).

Estes “bandos”, extintos em 1564, ressurgem nos finais do século XVI, cerca de 20 anos após a morte de Frei Diogo de Murça. Mantiveram o nome de “nicolaístas”, andando de “*capa caída na congregação*”.

Em 1555 acabou por ser demitido... pelos Jesuítas que assumiram o controlo da Universidade de Coimbra. Frei Diogo de Murça refugia-se no Mosteiro de Refojos de Basto, dedicando-se à reforma religiosa e intelectual do ensino e do funcionamento da Abadia que assumira em 1548. Esse Mosteiro acabou por atingir, com Frei Diogo de Murça, um período áureo em toda a história.

É em Basto que Diogo de Murça contacta com figuras altas do renascimento português, como António Pereira, filósofo e teólogo, amigo de Sá de Miranda que o visita em Basto e inspira uma das suas “Éclogas”, ou António Ferreira, autor de “A Castro”. Numa primeira fase, Diogo de Murça pedira a extinção do Mosteiro de Refojos para que as rendas revertissem a favor de Coimbra mas “há grande perturbação e resistência dos doze monges de S. Miguel contra a extinção”.

Destituído em Coimbra, Diogo de Murça “vem para Refojos, traz monges de Coimbra, refaz oficinas, claustros, reforma a vida do Mosteiro que atinge uma auréola de prestígio com uma livraria que possuía o melhor da Renascença”.

Aí morre, em 1561, e o Mosteiro de Refojos integra-se na família beneditina, com sede em Tibães, em 1569, começando a era dos abades trienais”.

*«Diário do Minho». 15 de junho de 2015.*



3.

Da Santa Sé



# *Pobreza nas famílias*

*Na audiência geral de 03 de junho o Papa Francisco falou da realidade da pobreza no seio de algumas famílias e das consequências da guerra.*

Nas últimas quartas-feiras meditámos sobre a família e vamos em frente com este tema, com a reflexão sobre a família. E a partir de hoje as nossas catequeses abrem-se, com a reflexão, à consideração da vulnerabilidade de que a família é susceptível, nas condições de vida que a põem à prova. A família enfrenta muitos problemas que a põem à prova.

Uma destas provas é a pobreza. Pensemos em tantas famílias que vivem nas periferias das grandes cidades, mas também nas áreas rurais... Quanta miséria, quanta degradação! E depois, a alguns lugares, para agravar a situação, chega também a guerra.

A guerra é sempre terrível. Além disso ela atinge sobretudo as populações civis, as famílias.

A guerra é deveras a «mãe de todas as pobreza», a guerra empobrece a família, uma grande predadora de vidas, de almas e dos afetos mais sagrados e queridos.

Apesar de tudo isto, há tantas famílias pobres que procuram levar a sua vida diária com dignidade, muitas vezes confiando abertamente na bênção de Deus!

Mas esta lição não deve justificar a nossa indiferença, antes, deveria aumentar a nossa vergonha pelo facto de haver tanta pobreza!

É quase um milagre que, até na pobreza, a família continue a formar-se, e até a conservar – como pode – a humanidade especial dos seus vínculos.

Este facto irrita aqueles planificadores do bem-estar que consideram os afetos, a geração, os vínculos familiares, uma variável secundária da qualidade de vida.

Não percebem nada!

Ao contrário, deveríamos ajoelhar-nos diante destas famílias, que são uma verdadeira escola de humanidade que salva as sociedades da barbárie.

Com efeito, o que nos resta se cedermos à chantagem de César e Mamona, da violência e do dinheiro, e renunciarmos também aos afetos familiares?

Uma nova ética civil só chegará quando os responsáveis da vida pública reorganizarem o vínculo social a partir da luta à espiral perversa entre família e pobreza, que nos leva ao abismo.

A economia hodierna especializou-se muitas vezes no usufruto do bem-estar individual, mas pratica amplamente a exploração dos vínculos familiares. Trata-se de uma contradição grave! Naturalmente, o imenso trabalho da família não é calculado nos balanços! Com efeito, a economia e a política são avarentas de reconhecimentos a este propósito. Contudo, a formação interior da pessoa e a circulação social dos afetos têm precisamente ali o seu pilar. Se for tirado, desmorona tudo.

Não está em questão só o pão. Falamos de trabalho, falamos de instrução, falamos de saúde. É importante compreender bem isto.



Ficamos sempre muito comovidos quando vemos imagens de crianças desnutridas e doentes em muitas partes do mundo que nos são mostradas.

Ao mesmo tempo, comove-nos muito também o olhar flamejante de muitas crianças, privadas de tudo, que estão em escolas feitas de nada, quando mostram com orgulho o seu lápis e caderno.

E como olham com amor para o seu professor ou professora!

Verdadeiramente, as crianças sabem que o homem não vive só de pão! Também de afeto familiar; quando há a miséria as crianças sofrem, porque querem o amor, os vínculos familiares.

Nós, cristãos, deveríamos estar cada vez mais próximos das famílias que a pobreza põe à prova. Considerai, todos vós conheceis alguém: pai sem trabalho, mãe desempregada... e a família sofre, os vínculos debilitam-se. Isto é mau. Com efeito, a miséria social atinge a família e por vezes destrói-a.

A falta ou a perda do trabalho, ou a sua grande precariedade, incidem em grande medida sobre a vida familiar, põem à dura prova as relações.

As condições de vida nos bairros mais desfavorecidos, com problemas de habitação e de transporte, assim como a redução dos serviços sociais, de saúde e escolares, causam ulteriores dificuldades.

A estes fatores materiais acrescenta-se o dano provocado à família por pseudomodelos, difundidos pelos mass media baseados no consumismo e no culto da aparência, que influenciam as camadas sociais mais pobres e incrementam a desagregação dos vínculos familiares.

Cuidar das famílias, cuidar do afeto, quando a miséria põe a família à prova!

A Igreja é mãe, e não deve esquecer este drama dos seus filhos. Também ela deve ser pobre, para se tornar fecunda e responder a tanta miséria.

Uma Igreja pobre é uma Igreja que pratica uma simplicidade voluntária na própria vida – nas próprias instituições, no estilo de vida dos seus membros – para abater qualquer muro de separação, principalmente dos pobres.

São necessárias a oração e a ação. Rezemos intensamente ao Senhor, para que nos desperte, a fim de tornarmos as nossas famílias cristãs protagonistas desta revolução da proximidade familiar, que agora nos é tão necessária!

A Igreja, desde o início, é feita desta proximidade familiar. E não esqueçamos que o juízo dos necessitados, dos pequeninos e dos pobres antecipa o juízo de Deus (cf. Mt 25, 31-46).

Não esqueçamos isto e façamos tudo o que pudermos para ajudar as famílias a ir em frente na prova da pobreza e da miséria que atingem os afectos, os vínculos familiares.

Gostaria de ler outra vez o texto da Bíblia que ouvimos no início e cada um de nós pense nas famílias que são provadas pela miséria e pela pobreza.

A Bíblia diz assim: «Filho, não negues ao pobre a esmola, nem deixes que definhem os olhos dos indigentes. Não desprezes aquele que tem fome, nem irrites o pobre na sua necessidade. Não aflijas o coração do infeliz, nem recuses a esmola àquele que está na miséria. Não rejeites a petição do aflito nem voltes a cara ao humilde. Não afastes os olhos do indigente, nem lhe dês ocasião para te amaldiçoar» (Ecli 4, 1-5).

Porque será isto que o Senhor fará — diz Ele no Evangelho — se não fizermos estas coisas.

## *A família e a doença*

*Na audiência geral de 10 de junho o Papa Francisco falou de uma das dificuldades que a família muitas vezes enfrenta, a doença.*

Continuemos com as catequeses sobre a família, e nesta audiência gostaria de me referir a um aspecto muito comum na vida das nossas famílias, a doença. Trata-se de uma experiência da nossa fragilidade, que vivemos principalmente em família, desde a infância e depois sobretudo na velhice, quando chegam os achaques.

No âmbito dos vínculos familiares, a enfermidade das pessoas que amamos é padecida com um «suplemento» de dor e de angústia. É o amor que nos faz sentir este «suplemento».

Muitas vezes para um pai e uma mãe é mais difícil suportar o mal de um filho, de uma filha, do que uma dor pessoal.

Podemos dizer que a família foi desde sempre o «hospital» mais próximo. Ainda hoje, em muitas regiões do mundo, o hospital é um privilégio para poucos, e muitas vezes fica distante. São a mãe, o pai, os irmãos, as irmãs, os avós que garantem os cuidados e ajudam a curar.

Nos Evangelhos, muitas páginas narram os encontros de Jesus com os doentes e o seu compromisso por cuidar deles. Ele apresenta-se publicamente como alguém que luta contra a enfermidade e que veio para curar o homem de todos os males: o mal do espírito e o mal do corpo.

É verdadeiramente comovedora a cena evangélica recém-narrada pelo Evangelho de Marcos. Reza assim: «À tarde, depois do pôr-do-sol, levaram-lhe todos os enfermos e endemoninhados» (1, 32).

Se penso nas grandes cidades contemporâneas, pergunto-me onde estão as portas ao limiar das quais levar os enfermos, na esperança de que sejam curados!

Jesus nunca se subtraiu aos seus cuidados. Jamais passou além, nunca virou o rosto para o outro lado. E quando um pai ou uma mãe, ou então até simplesmente pessoas amigas traziam um doente à sua presença para que o tocassem e curassem, não perdia tempo; a cura vinha antes da lei, até daquela tão sagrada como o descanso do sábado (cf. Mc 3, 1-6).

Os doutores da lei repreendiam Jesus porque Ele curava no dia de sábado, fazia o bem no dia de sábado. Mas o amor de Jesus consistia em dar a saúde, em fazer o bem: e isto vem sempre em primeiro lugar!

Jesus manda os discípulos realizar a obra que Ele mesmo faz, conferindo-lhes o poder de curar, ou seja, de se aproximar dos enfermos e de cuidar deles até ao fim (cf. Mt 10, 1).

Devemos ter presente aquilo que Ele disse aos discípulos no episódio do cego de nascença (cf. Jo 9, 1-5). Os discípulos – com o cego ali em frente! – debatiam sobre quem tivesse pecado por ter nascido cego, ele ou os seus pais, para provocar a sua cegueira. O Senhor disse claramente: nem ele, nem os seus pais; é assim para que nele se manifestem as obras de Deus. E curou-o.

Eis a glória de Deus! Eis a tarefa da Igreja! Ajudar os doentes, sem se perder em bisbilhotices, assistir sempre, consolar, aliviar, estar próxima dos doentes; esta é a sua tarefa.

A Igreja convida à oração incessante pelos nossos entes queridos, atingidos pelo mal.

A prece pelos doentes nunca deve faltar. Aliás, temos que rezar ainda mais, tanto pessoalmente como em comunidade.

Pensemos no episódio evangélico da mulher cananeia (cf. Mt 15, 21-28). Trata-se de uma mulher pagã, não pertence ao povo de Israel, mas é uma pagã que suplica a Jesus a cura da própria filha.

Para pôr à prova a sua fé, Jesus primeiro responde duramente: «Não posso, devo pensar primeiro nas ovelhas de Israel!».

A mulher não desiste – quando pede ajuda para a sua criatura, uma mãe nunca cede; todos nós sabemos que as mães lutam pelos seus filhos – e responde: «Até os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos!», como se dissesse: «Trata-me pelo menos como uma cachorrinha!».

Então, Jesus diz-lhe: «Ó mulher, grande é a tua fé! Seja feito como tu desejas» (v. 28).

Diante da doença, até em família surgem dificuldades, por causa da debilidade humana. Mas em geral o tempo da enfermidade faz aumentar a força dos vínculos familiares. E penso como é importante educar desde crianças os filhos para a solidariedade na hora da doença.

Uma educação que mantenha à distância a sensibilidade pela enfermidade humana torna árido o coração. E leva os jovens a ser «anestesiados» em relação ao sofrimento do próximo, incapazes de se confrontar com o sofrimento e de viver a experiência do limite.

Quantas vezes nós vemos chegar ao trabalho um homem, uma mulher com o rosto cansado, com uma atitude fatigada, e quando lhe perguntamos: «O que acontece?», responde: «Eu dormi só duas horas, porque em casa nos revezamos para estar próximos do filho, da filha, do doente, do avô, da avó».

E o dia continua com o trabalho.

São coisas heróicas, é a heroicidade das famílias!

Estas formas de heroicidade escondida verificam-se com ternura e com coragem, quando em casa alguém está doente.

A debilidade e o sofrimento dos nossos afetos mais queridos e mais sagrados podem ser, para os nossos filhos e os nossos netos, uma escola de vida — é importante educar os filhos, os netos, para que compreendam esta proximidade na doença em família — e tornam-se tal quando os momentos de enfermidade são acompanhados pela oração e pela proximidade carinhosa e cheia de esmero dos familiares.

A comunidade cristã sabe bem que, na prova da doença, a família não deve ser deixada sozinha. E temos que dar graças ao Senhor pelas lindas experiências de fraternidade eclesial que ajudam as famílias a atravessar o árduo momento da dor e do sofrimento.

Esta proximidade cristã, de uma família em relação à outra, é um verdadeiro tesouro para a paróquia; um tesouro de sabedoria, que assiste as famílias nas fases difíceis, levando-as a compreender o Reino de Deus melhor do que muitos discursos! São carícias de Deus!

## *A família e a realidade da morte*

*A morte é uma experiência que diz respeito a todas as famílias, sem exceção alguma, lembrou o Papa Francisco na audiência geral de 17 de junho.*

No percurso de catequeses sobre a família, hoje inspiramo-nos directamente no episódio narrado pelo evangelista Lucas (cf. Lc 7, 11-15). Trata-se de uma cena muito comovedora, que nos mostra a compaixão de Jesus por quantos sofrem — neste caso, uma viúva que perdeu o seu único filho — e nos manifesta também o poder de Jesus sobre a morte.

A morte é uma experiência que diz respeito a todas as famílias, sem excepção alguma. Faz parte da vida; e no entanto, quando atinge os afectos familiares, a morte nunca consegue parecer-nos natural.

Para os pais, sobreviver aos próprios filhos é algo de particularmente desolador, que contradiz a natureza elementar das relações que dão sentido à própria família.

A perda de um filho ou de uma filha é como se o tempo parasse: abre-se um abismo que engole o passado e também o futuro.

A morte, que leva embora o filho pequeno ou jovem, é uma bofetada às promessas, aos dons e aos sacrifícios de amor jubilosa-mente confiados à vida que fizemos nascer.

Muitas vezes vêm à Missa em Santa Marta pais com a fotografia de um filho, filha, criança, rapaz, moça, e dizem-me: «Ele foi-se, ela foi-se!». E o seu olhar está cheio de dor.

A morte acontece, e quando se trata de um filho, fere profundamente. A família inteira permanece como que paralisada, emudecida. E algo semelhante padece também a criança que permanece sozinha, com a perda de um dos pais, ou de ambos. E pergunta: «Mas onde está o meu pai? Onde está a minha mãe?» – Está no Céu! – «Mas por que não o vejo?».

Esta pergunta oculta uma angústia no coração da criança que permanece sozinha. O vazio do abandono que se abre dentro dela é ainda mais angustiante porque ela nem sequer tem a experiência suficiente para «dar um nome» àquilo que lhe aconteceu. «Quando volta o meu pai? Quando volta a minha mãe?». Que responder, quando a criança sofre? Assim é a morte em família.

Nestes casos, a morte é como um buraco negro que se abre na vida das famílias e ao qual não sabemos dar explicação alguma. E às vezes chega-se até a dar a culpa a Deus!

Quantas pessoas – entendo-as – ficam com raiva de Deus e blasfemam: «Por que me tiraste o filho, a filha? Não há Deus, Deus não existe! Por que me fez Ele isto?».

Muitas vezes ouvimos frases como esta. Mas a raiva é um pouco aquilo que provém do cerne de uma grande dor; a perda de um filho ou de uma filha, do pai ou da mãe, é uma dor enorme! Isto acontece continuamente nas famílias. Em tais casos, como eu disse, a morte é como que um buraco.

Mas a morte física possui «cúmplices» que são até piores do que ela, e que se chamam ódio, inveja, soberba, avareza; em síntese,

o pecado do mundo que trabalha para a morte, tornando-a ainda mais dolorosa e injusta.

Os afectos familiares parecem as vítimas predestinadas e inermes destes poderes auxiliares da morte, que acompanham a história do homem.

Pensemos na absurda «normalidade» com que, em certos momentos e lugares, os acontecimentos que acrescentam horror à morte são provocados pelo ódio e pela indiferença de outros seres humanos.

O Senhor nos livre de nos habituarmos a isto!

No povo de Deus, com a graça da sua compaixão conferida em Jesus, muitas famílias demonstram concretamente que a morte não tem a última palavra: trata-se de um verdadeiro acto de fé. Todas as vezes que a família em luto — até terrível — encontra a força de conservar a fé e o amor que nos unem a quantos amamos, ela impede desde já que a morte arrebate tudo.

A escuridão da morte deve ser enfrentada com um esforço de amor mais intenso. «Meu Deus, ilumina as minhas trevas!», é a invocação de liturgia da noite.

À luz da Ressurreição do Senhor, que não abandona nenhum daqueles que o Pai lhe confiou, nós podemos privar a morte do seu «aguilhão», como dizia o apóstolo Paulo (1 Cor 15, 55); podemos impedir que ela envenene a nossa vida, que torne vãos os nossos afectos, que nos leve a cair no vazio mais obscuro.

Nesta fé, podemos consolar-nos uns aos outros, conscientes de que o Senhor venceu a morte de uma vez para sempre. Os nossos entes queridos não desapareceram nas trevas do nada: a esperança assegura-nos que eles estão nas mãos bondosas e vigorosas de Deus.

O amor é mais forte do que a morte. Por isso, o caminho consiste em fazer aumentar o amor, em torná-lo mais sólido, e o amor preservar-nos-á até ao dia em que todas as lágrimas serão enxugadas, quando «já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor» (Ap 21, 4).



Se nos deixarmos amparar por esta fé, a experiência do luto poderá gerar uma solidariedade de vínculos familiares mais forte, uma renovada abertura ao sofrimento das outras famílias, uma nova fraternidade com as famílias que nascem e renascem na esperança.

Nascer e renascer na esperança, é isto que nos propicia a fé. Contudo, gostaria de ressaltar a última frase do Evangelho que ouvimos hoje (cf. Lc 7, 11-15). Depois que Jesus restituiu à vida este jovem, filho da mãe que era viúva, o Evangelho reza: «Jesus entregou-o à sua mãe». Esta é a nossa esperança!

O Senhor restituir-nos-á todos os nossos entes queridos que já partiram, e encontrar-nos-emos todos juntos. Esta esperança não desilude! Recordemos bem este gesto de Jesus: «Jesus entregou-o à sua mãe», assim fará o Senhor com todos os nossos amados familiares!

Esta fé protege-nos da visão niilista da morte, assim como das falsas consolações do mundo, de tal maneira que a verdade cristã «não corra o risco de se misturar com mitologias de vários tipos», cedendo aos ritos da superstição, antiga ou moderna» (Bento XVI, Angelus de 2 de Novembro de 2008).

Hoje é necessário que os Pastores e todos os cristãos expressem de modo mais concreto o sentido da fé em relação à experiência familiar do luto.

Não se deve negar o direito de chorar – devemos chorar no luto – pois até Jesus «começou a chorar» e sentiu-se «intensamente comovido» pelo grave luto de uma família que Ele amava (Jo 11, 33-37). Ao contrário, podemos haurir do testemunho simples e vigoroso de numerosas famílias que souberam ver, na difícil passagem da morte, também a passagem certa do Senhor, crucificado e ressuscitado, com a sua promessa irrevogável da ressurreição dos mortos.

O esforço amoroso de Deus é mais forte do que a obra da morte. É deste amor, precisamente deste amor, que nos devemos tornar «cúmplices» laboriosos, com a nossa fé!

E recordemos aquele gesto de Jesus: «Jesus entregou-o à sua mãe»; assim fará Ele com todos os nossos entes queridos e também connosco, quando nos encontrarmos, quando a morte for derrotada definitivamente em nós.

Ela é vencida pela cruz de Jesus. Jesus restituir-nos-á todos à família!

## *Feridas na convivência familiar*

*Na audiência geral de 24 de junho o Papa Francisco refletiu sobre as feridas que se abrem no seio da convivência familiar.*

Nas últimas catequeses falámos da família que vive as fragilidades da condição humana, a pobreza, a doença, a morte. Ao contrário, hoje reflectimos sobre as feridas que se abrem precisamente no seio da convivência familiar. Ou seja, quando na própria família nos magoamos reciprocamente. O aspecto mais negativo!

Sabemos bem que em nenhuma história familiar faltam momentos em que a intimidade dos afectos mais queridos é ofendida pelo comportamento dos seus membros. Palavras e acções (e omissões!) que, em vez de exprimir amor, o subtraem ou, pior ainda, o mortificam. Quando estas feridas, ainda remediáveis, são descuidadas, agravam-se: transformam-se em prepotência, hostilidade, desprezo. E a este ponto podem tornar-se lacerações profundas, que separam marido e esposa, que induzem a procurar alhures entendimentos, apoio e consolação. Mas frequentemente estes «apoios» não pensam no bem da família!

O esvaziamento do amor conjugal difunde ressentimento nas relações. E muitas vezes a desunião «desaba» sobre os filhos.

Então, os filhos. Gostaria de analisar um pouco este ponto. Não obstante a nossa sensibilidade aparentemente evoluída, e todas as nossas requintadas análises psicológicas, pergunto-me se não nos entorpecemos também em relação às feridas da alma das crianças. Quanto mais se procura compensar com presentes e docinhos, tanto mais se perde o sentido das feridas – mais dolorosas e profundas – da alma. Falamos muito sobre distúrbios de comportamento, saúde psíquica, bem-estar da criança, ansiedade dos pais e dos filhos... Mas sabemos porventura o que é uma ferida da alma? Sentimos o peso da montanha que esmaga a alma de uma criança, nas famílias onde as pessoas se magoam reciprocamente e causam mal umas às outras, até quebrar o vínculo da fidelidade conjugal? Que peso tem nas nossas escolhas – escolhas erradas, por exemplo – quanta importância tem a alma das crianças? Quando os adultos perdem o raciocínio, quando cada um só pensa em si mesmo, quando o pai e a mãe se ferem, a alma das crianças sofre muito, prova um sentido de desespero. E são feridas que deixam a marca para toda a vida.

Na família, tudo está interligado: quando a sua alma está ferida em qualquer ponto, a infecção contagia todos. E quando um homem e uma mulher, que se comprometeram a ser «uma só carne» e a formar uma família, pensam obsessivamente nas próprias exigências de liberdade e de gratificação, este desvio corrói profundamente o coração e a vida dos filhos. Muitas vezes as crianças escondem-se para chorar sozinhas... Devemos compreender bem isto. Marido e esposa são uma só carne. Mas as suas criaturas são carne da sua carne. Se pensarmos na severidade com a qual Jesus admoesta os adultos para que não escandalizassem os pequeninos – ouvimos o trecho do Evangelho – (cf. Mt 18, 6), podemos compreender melhor também a palavra sobre a grande responsabilidade de preservar o vínculo conjugal que dá início à família humana (cf. Mt

19, 6-9). Quando o homem e a mulher se tornam uma só carne, todas as feridas e todos os abandonos do pai e da mãe incidem sobre a carne viva dos filhos.

Por outro lado, é verdade que há casos em que a separação é inevitável. Por vezes, pode tornar-se até moralmente necessária, quando se trata de defender o cônjuge mais frágil, ou os filhos pequenos, das feridas mais graves causadas pela prepotência e a violência, pela humilhação e a exploração, pela alienação e a indiferença.

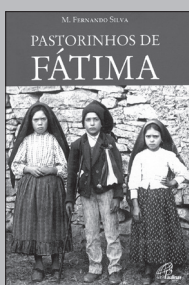
Graças a Deus não faltam aqueles que, apoiados pela fé e pelo amor aos filhos, testemunham a sua fidelidade e um vínculo no qual acreditaram, embora pareça impossível fazê-lo reviver. Contudo, nem todos os separados sentem esta vocação. Nem todos reconhecem, na solidão, um apelo que o lhes Senhor dirige. Ao nosso redor encontramos diversas famílias em situações chamadas irregulares – eu não gosto desta palavra – e colocamo-nos muitas interrogações. Como podemos ajudá-las? Como podemos acompanhá-las? Como podemos acompanhá-las para que as crianças não se tornem reféns do pai ou da mãe?

Peçamos ao Senhor uma fé grande, a fim de ver a realidade com o olhar de Deus; e uma grande caridade, para aproximar as pessoas ao seu Coração misericordioso.

4.

Recensões





## *Pastorinhos de Fátima*

*Autor: M. Fernando Silva*

*Editora: Paulinas*

O Cónego Manuel Fernando de Sousa e Silva publicou em segunda edição o livro **Pastorinhos de Fátima**. A primeira saiu em 2003.

Ao longo de quatro centenas de páginas desenvolvem-se sete capítulos: as famílias dos pastorinhos; os frutos abençoados: Lúcia, Jacinta e Francisco; na escola do Anjo da Paz; o grande encontro com a Mãe do Céu; testemunhas da mensagem; os caminhos da Lúcia; a glorificação por parte da Igreja.

Fala do ambiente em que os videntes de Fátima foram educados, das aparições do Anjo de Portugal, das aparições da Virgem Maria aos três pastorinhos, do que foram as aparições da Senhora à vidente Lucia em Tuy e em Pontevedra, da aparição do Menino Jesus à mesma Lúcia na cerca de Pontevedra.

O livro termina com a beatificação do Francisco e da Jacinta.

Em epílogo faz-se referência à carta encíclica *Ad diem illum laetissimum* que S. Pio X, com data de 02 de fevereiro de 1904, dirigiu ao mundo inteiro sobre a devoção a Nossa Senhora.

Termina com uma mensagem de esperança mas lembra que «ainda não começámos a cumprir a Mensagem de Fátima. É urgente que demos a Deus o lugar a que Ele tem direito nas nossas vidas!».

Dá nota de uma carta da Priora do Carmelo de Coimbra onde afirma que a Irmã Lúcia, falecida em 13 de fevereiro de 2004, leu a primeira edição deste livro e afirmou ser «o que estava mais real».



3 – Programa Pastoral	
Notícias diversas.....	844
Agenda para agosto .....	846
4 – Clero e Seminários	
Notícias diversas .....	848
5 – Religiosos/as	
Bodas de diamante	
de Religiosa Teresiana .....	850
Notícias diversas.....	852
6 – Património	
Notícias diversas.....	853
7 – Educação da Fé	
Notícias diversas.....	855
8 – Apostolado dos Leigos	
Legião de Maria .....	857
Notícias diversas.....	861
9 – Pastoral Social	
Notícias diversas.....	864
10 – Memória	
Diogo de Murça .....	867
<b>3. DA SANTA SÉ</b>	
Pobreza nas famílias.....	875
A família e a doença .....	879
A família e a realidade da morte .....	882
Feridas na convivência familiar.....	886
<b>4. RECENSÕES</b>	
Pastorinhos de Fátima.....	891

